

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA. EDITOR — JOAO CHRISOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

O «DIÁRIO DE LISBOA» NA AUSTRIA (III)

Ainda se dança em Viena

mas já não é a valsa
Os espectáculos e outros divertimentos

(Especial para o «Diário de Lisboa», por Pierre Frederix)

O Grande Hotel, o Imperial, o Bristol estão ocupados pelos russos ou à disposição dos seus hóspedes: polacos, húngaros e romenos, por exemplo. O velho «bar» do Bristol, com confortá-

veis sofás de couro, está fechado desde a batalha de Estalinegrado. No Neuer Markt, o Ritz—que todos os vieneses continuam a chamar Hotel Krantz—está com estragos, mas aberto ao publico. Também se pode, por 75 a 100 francos diários, ao cambio oficial, alugar um excelente quarto com casa de banho, no Hotel Sacher, nas traseiras da Opera. Onde havia antigamente cadeiras de verga no passeio—os cavalheiros do Jockey Club vizinho faziam ali poiso para a palestra—há agora um tapume e montes de calça. A velha sr. Sacher, que conhecia toda a aristocracia austriaca, morreu. Teriam morrido também os seus «bull-dogues»? Max Reinhardt, um dos frequentes mais fiéis, morreu igualmente. Agora, quasi todos os dias, um homem de cabelos grisalhos, olhar infantil, sai do Sacher a pé, guiado por uma velha que trata dele há vinte e cinco anos. É Nijinski. Sossobrou na meia idiotice. Quasi nem fala. Não reconhece os seus amigos. Não consente que lhe toquem. Há semanas sua mulher levou-o a um espectáculo dos bailados russos de Moscovo. Ela chorou porque era a primeira vez que voltava a ver dançar com perfeição desde a outra guerra. Nijinski olhou e pareceu não encontrar grande prazer no espectáculo.

Como ardeu a Grande Opera, é no Volksopera (antigo Teatro Municipal), na «Cintura», ou no «Theater an der Wien» que se dão os espectáculos de ópera ou de bailados. «Cosi Fan Tutte» foi reposta na «Salle de la Redoute» do Palácio da Feira. Os bailarinos e cantores austriacos têm alimentação muito deficiente e não podem, portanto, fazer um esforço prolongado. Jan Klepura, que antes de percorrer uma carreira triunfal de tenor nos Estados Unidos, fôra descoberto pela Opera de Viena, devia mandar alguns alimentos aos seus antigos camaradas.

O Burg Theater, que sofreu estragos,

(Continua na pag. seguinte)



Nijinski (ao centro), atacado de loucura incurável, e sua mulher Romola Nijinska, com o grande bailarino francês Serge Lifar

(Fotografia tirada perto de Berne, em 1939)

Tumultos

em Johannesburg
durante uma reunião
do congresso
dos anti-comunistas

JOHANNESBURGO, 19. — Durante disturbios que duraram mais de 6 horas, a policia, usando os «casco-têtes», manteve a multidão que tentava entrar á força no City Hall. Foi também usada uma mangueira contra os manifestantes. Uma grande força de policia, incluindo reforços de cidades do Transvaal, impediu que se dessem disturbios de grande envergadura, que começaram pouco depois da grande reunião de protesto organizada pela Legião Springbok (organização dos antigos combatentes), iniciada ás 15 horas e que continuou até terminar a reunião dos nacionalistas, ás 21 horas. O presidente da Legião e outros oradores pediam constantemente á multidão que dispersasse e se mantivesse ordeira, mas parte dela tentou entrar á força no City Hall. Ás 17 e 30 horas, quando começou a reunião nacionalista, houve recontros violentos entre a policia e a multidão.

Nessa altura, houve muitos feridos; durante a tarde continuaram a dar-se recontros e as businas das ambulancias ouviam-se quasi que ininterruptamente, quando eram transportados os feridos. O tema do Congresso nacionalista era «salvar a Africa do Sul da ameaça comunista», e, discursando na reunião, o chefe nacionalista, dr. Malan, disse que o que tinha acontecido em Johannesburg era a prova de que existia uma ameaça comunista.—(R.).

Mais de 100 feridos

JOHANNESBURGO, 19.—Até á meia noite de ontem, os hospitais de Johannesburg tinham tratado 106 pessoas, incluindo policiaes, soldados e civis, feridos nos disturbios que se deram durante a reunião dos nacionalistas (o partido da opposição).

Outros individuos feridos foram tratados nos postos de socorros da camara municipal e no consultório te na cabeça e no rosto, foram provocados por paus e objectos arremessados, incluindo garrafas.—(Reuter).

Ler amanhã:
Visita à sede da Gestapo
por Jean Danès

Quando os republicanos

se batiam com os monárquicos

Um duelo entre

Oscar Monteiro Torres e Cristóvão Aires

por Artur Portela

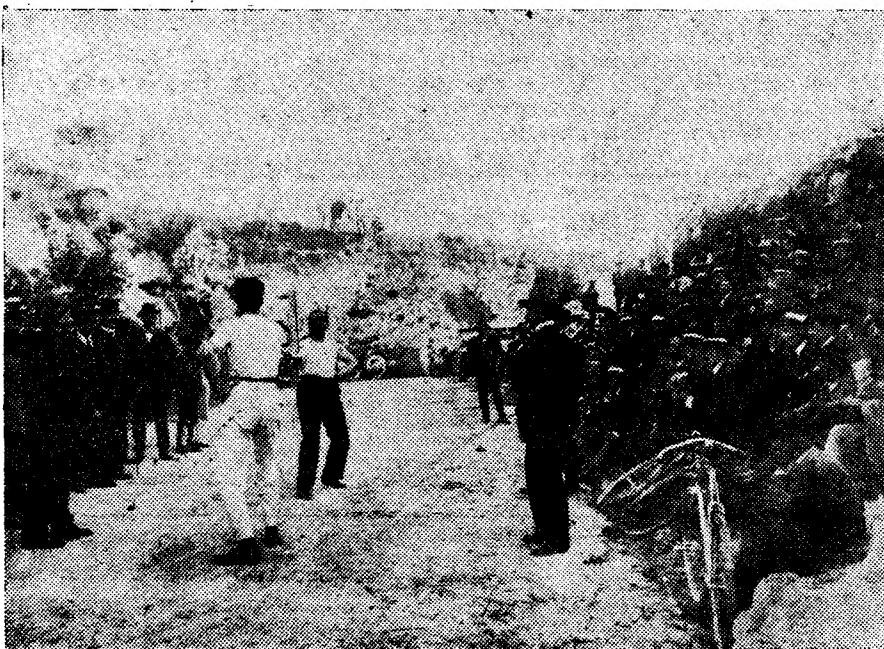
Eram dois companheiros de armas! Nenhum deles podia dizer, com exactidão, qual fôra o primeiro a pregar, com orgulho, na manga azulada do dolman, a estrelinha dourada e petulante de cadete. Deviam roçar pelos trinta anos—idade em que a juventude ainda não resvalou e o sangue arde nas veias impetuoso e fremente na vertigem das grandes audácias—quando desembainharam os sabres, num duelo «à outrance», sobre o rescaldo de uma revolução famosa, na qual mais que o problema governativo se jogou a attitudede de Portugal perante a primeira guerra europeia. Deviam-se ter sentado, lado a lado, nas carteiras da Escola do Exército, trocando os cartapacios de balística e fumando ás escondidas, os primeiros cigarros, se não sonhando com as grandes aventuras de Africa, de que Mouzinho, o «capitão-epopeia», era o prototipo daquela geração ardida e varonil.

Oscar Monteiro fôra para cavalaria, centauro embriagado pelos arranques magníficos de bravura solitaria, e Cristóvão Aires, na tradição nobilíssima do pai general, como que pegara na sua espada de ouro, para a honrar de novas façanhas gloriosas.

Não os havia mais leais, nem mais destemidos! Batiam-se por tudo: uma ideia generosa, que só se desdedia em sacrificio, um amigo em transe doloroso, que a politica arremessou já para o carcere já para o exilio, até por uma mulher, quando o seu coração, e não a sua beleza, é o premio de um beijo e de um sorriso. O caracter era neles a pedra de toque, um caracter espartano, que o lisboeta, no convívencia, nem sempre surpreende, nivelando tudo, ou não acreditando em nada, o que é pior.

Cristóvão Aires, que ainda conheceu Maria Amalia Vaz de Carvalho, no salão de Santa Catarina, onde, numa atmosfera dourada de espirito, zumbiam os finos conceitos literarios e voltavam os leques da grande aristocracia ducal—nascera, convictamente, monarquico, como Oscar Monteiro Torres se criara, impenitentemente, republicano.

Vidas iguais, quasi paralelas, diferenciavam-se, no entanto, pelos seus ideais, e, nisso eram intransigentes. No Chiado os passeios são identicos, mas cada um andava pelo seu. Oscar Monteiro Torres pelo da «Brasileira»; Cristóvão Aires, pelo do «Turfa», e, quando um des-



Ao sétimo assalto. O duelista que se vê de frente, é Cristóvão Ayres

(Continua na 11.ª pag.)

Ainda se dança em Viena

(Continuação da pag. anterior)

transferiu os seus espectáculos para um antigo «music-hall»; as peças populares ou clássicas continuam a ser representadas pelo Volks Theater, de que se tinha apossado a Frente de Trabalho hitleriana em 1938.

O antigo teatro Reinhardt «In der Josephstadt» representa uma peça de Priestley traduzida para alemão; o Teatro da Academia, uma peça de Shaw. O Raimund Theater, onde uma direcção provisória nomeada pelo Estado tomou o lugar da «Fôrça pela Alegria» nazi, recomeçou os seus espectáculos de opereta. Todas as casas de espectáculos vieneses tinham fechado em meados de 1944, na previsão da «guerra total». Quasi todas reabriram. Os jornais inserem programas de catorze «cabarets», revistas, «music-halls» ou «cabarets» sem contar os concertos—e de cerca de sessenta cinemas. De entre estes cinemas, oito ou dez dão documentários russos sobre a batalha de Estalinegrado ou sobre a luta em Viena; os restantes exibem velhas fitas austríacas e até francesas. Alguns dos espectáculos de variedades—o de Willy Forst, por exemplo, conhecido comediante e autor—são de primeira ordem.

E, acima de tudo, dança-se. Não se dança a valsa, é claro; embora o velho Lehar esteja vivo—é esperado em Viena—há trinta anos que a valsa vienesse se tornou objecto de recordação, como o «cancan» no Tabarin. Dança-se o mesmo que se dança em todas as pistas do mundo. Dança-se nos «dancings» do centro, no Triumf, no Wintergarten (os antigos não foram destruídos e fundaram-se novos). Dança-se no Park Hotel, em Hietzing, perto de Schoenbrunn, no sector inglês; em vinte outros locais. Dança-se à hora do chá, ao cair da tarde, diante de uma chavena de café sem açúcar ou de um copo de limonada. Os preços variam entre 2 e 7 shillings austríacos: 10 a 35 francos. Os aliados frequentam os «dancings» em numero moderado. Também lá se encontram os traficantes ou rapazinhos trapalhões que em todas as latitudes frequentam essa espécie de ponto de reunião para negociações. Mas a base da clientela é mais familiar do que seria de esperar. Não há profissionais, como em Berlim. Ape-

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provável amanhã em Portugal, segundo previsão do Serviço Meteorológico do Exército:

Céu por vezes um pouco coberto durante parte do dia; bruma local junto ao litoral ocidental; vento de direcção variável, geralmente moderado; temperatura estacionária.

Temperaturas extremas hoje, em Lisboa, segundo os registos do Observatório Infante D. Luiz: máxima, 24º,7; mínima, 14º,8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 23º,9; mínima 17º,2.

No Casino de Sintra Hoje «Cascais em Marcha»

É ESTA NOITE que, no Casino de Sintra, se apresenta, em única representação, a revista «Cascais em Marcha».

Esta revista, a que a crítica tecerá tão rasgados elogios todas as vezes que tem sido representada por este extraordinário grupo de amadores, vai, certamente, fazer as delicias da selecta assistência do Casino de Sintra.

A procura de bilhetes tem sido avultada, pois ninguém quer perder o ensejo de ver um belo conjunto tão cheio de elementos de valor artístico.

Depois do espectáculo haverá um grandioso baile.

José Puertas e o seu quinteto no Casino Estoril

Depois de amanhã, 6.ª feira, estreia-se no Casino Estoril o extraordinário quinteto do exímio solista, José Puertas, que vem precedido dum justo renome.

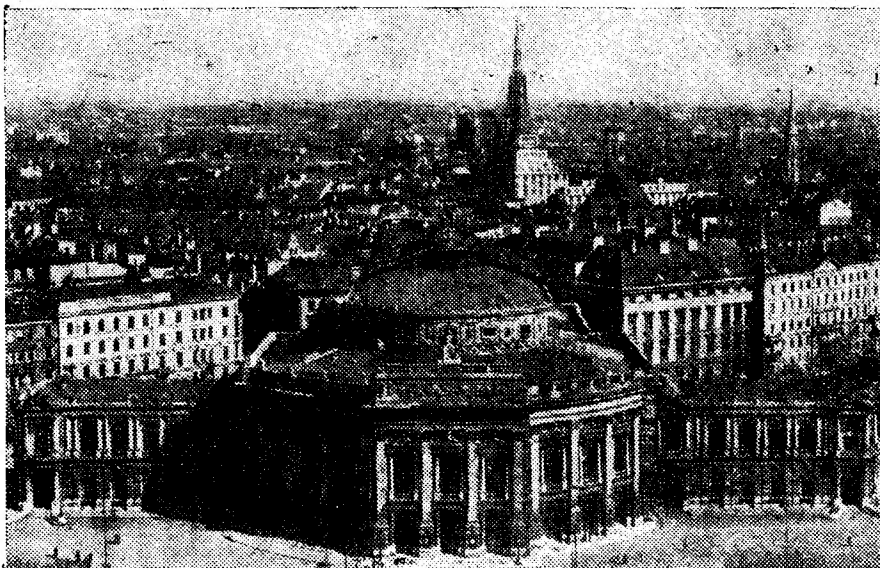
Este quinteto, formado por excelentes instrumentistas, tocará musica de «Jazz» zingara e toda a classe de concerto.

Tejolos isoladores

Para isolamento do frio, do calor e do som, nas construções industriais e civis.

Refractários, rejoleiras, tejolos e telhas vidradas de todos os modelos.

São especialidades das fábricas de Cerâmica «Liz», de Leiria e Lisboa, da COMPANHIA TRANSFORMADORA DE MATERIAS PRIMAS NACIONAIS com sede em LEIRIA. Telefones: Sede Leiria 87; Filial Lisboa 57245; agência no Porto 2573.



O Burgtheater, que foi muito danificado pelos bombardeamentos, e uma perspectiva de Viena

nas uma quantidade de empregadinhos, de burguesas, mais ou menos elegantes, que ali vão para esquecer as suas apoquentações.

A Municipalidade de Viena fala em fechar todos os «dancings» durante um mês e em requisitar todas as pessoas nas horas de descanso para terminar a remoção dos destroços na cidade.

Um país na infância

Há de custar-lhe a encontrar gente. Em cada 100 vieneses há actualmente 67 mulheres e 33 homens. Estes 33 homens são, bem entendido, ou muito novos ou idosos e até muito idosos. Dos 6.900 empregados nos serviços de transportes públicos — «eléctricos» e «metros» de Viena—23 % dão diariamente parte de doente.

Os camponeses dizem: «De que serve plantar? Os russos levam-nos tudo». E os comerciantes: «De que serve abrir as lojas? Não temos que vender!». Que estas palavras sejam ou não exactas pouco importa: o estado de espírito é este.

Os vieneses estão esfomeados, melancólicos e amargurados. Mas continuam a ser atenciosos e sorridentes como sempre foram. Se paramos na rua, acodem logo a perguntar: «Procura alguma coisa?». Trabalhar duramente, lutar, mudar de hábitos talvez não seja, porém, o seu forte. Os russos e os seus aliados vivem pela hora de verão, adiantada duas horas em relação à hora de Viena: nem por instantes sequer passou pela ideia dos vieneses que poderia ser útil adoptar a hora dos ocupantes. Dormem ou almoçam à hora a que os aliados trabalham; trabalham à hora a que os aliados vão almoçar ou jantar. É optimo. E, no intervalo, ainda lhes sobra tempo para deliciosas palestras.

Toda a gente parece ter esquecido as centenas de milhares—dá vontade de escrever milhões—de bandeiras com a cruz gamada que hastearam em 1938 as casas de Viena, de Salzburgo e de Innsbruck, no momento em que o exército alemão entrava em território austríaco. «—Que querem?—argumentam bons sociais-democratas que, como os industriais, votaram duas ou três vezes, no espaço de vinte anos, a Anschluss e a União Alfandegária com o Reich. «Os nossos vizinhos do Danu-

bio tratavam-nos como inimigos. A França e a Inglaterra abandonavam-nos. Dolfuss e Schuschnigg tinham oprimido tanto a nossa classe operária que ela tinha mais a ganhar que a perder com a Alemanha». E acrescentam a sério: «Se estivessemos no poder, Hitler não teria entrado aqui. Teríamos decretado a greve geral. De resto, quem poderia prevê-lo a maneira como trataria a Austria?». Oh! que surpresa! a Alemanha tratou mal a Austria. Não como Estado soberano. Como uma colónia. «Como vêem—concluem os nossos austríacos—também nós fomos libertados».

Publicam-se cinco jornais de língua alemã em Viena. O dos russos; um jornal de informação geral, da União Democrática, e os jornais dos três partidos que compõem essa união (comunista, social-democrata e católico). Existe um governo provisório, politicamente centrado em volta de um chanceler social-democrata com um terço de ministros comunistas e um terço de ministros católicos. Mas esse governo não é reconhecido por ninguém. Quasi não tem autoridade fora de Viena. Os comunistas representam, segundo é verosímil, dez por cento do eleitorado; os sociais-democratas e os católicos somam 80 por cento. Se se eliminassem do funcionalismo todos os que aceitaram o domínio da Alemanha e todos os que, no plano interno, serviram Dolfuss e Schuschnigg contra os sindicatos operários que restaram da administração publica austríaca?

A essência do problema austríaco está na impotência total da Austria. Sem o acordo permanente das grandes potências, a Austria não é capaz de impedir que os seus vizinhos destruam o delicado equilíbrio económico e político sem o qual não pode viver.

A Austria tem condições de vida, é certo. Mas é como uma criança numa casa ocupada por pessoas crescidas. Se as pessoas crescidas agarrarem a criança e a fecharem num quarto, a criança morre ou atira-se da janela abaixo.

PIERRE FREDERIX

(Reservado todos os direitos de reprodução em Portugal pela Agência France-Presse e pelo «Diário de Lisboa».)

Vida desportiva

Os directores do Atlético e a homenagem que se projecta

Uma comissão de sócios do Atlético Clube de Portugal, composta por Carlos Canuto, Jaime Franco, Jacinto Domingues e Alberto de Sousa Lino, leva a efeito, no próximo dia 25, num dos principais restaurantes da capital, um banquete de homenagem à direcção do clube, especialmente aos srs. Joaquim de Paiva e Silva, Joaquim Nobre e Alvaro Cardoso, pelos grandes melhoramentos introduzidos no campo da Tapadinha. Foram eles os principais obreiros de tão valiosa obra.

A inscrição encontra-se aberta na secretaria do clube, caçada de Santo Amaro, 3, telefone 81.122, ou por qualquer dos comissários.

Trata-se de uma homenagem justíssima. Qualquer dos nomes indicados, na sua esfera de acção, contribuíram decididamente para a grande obra que o clube acaba de realizar, impondo-se no meio desportivo do país como colectividade pujante de vida e acção. O banquete de homenagem que se projecta, deverá, pois, constituir a consagração clibista, e mais do que isso, provavelmente, de homens que têm cumprido mais do que o seu dever.

Inauguração do estádio da Tapadinha

A inauguração do estádio da Tapadinha realiza-se no próximo domingo. No sábado, efectua-se a visita de diversas individualidades aos melhoramentos introduzidos naquele campo.

O Atlético quer legitimamente dar á inauguração do seu estádio um grande fausto, interessando no acontecimento o comércio e os habitantes dos populosos bairros de Alcantara e Santo Amaro.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

FURTO DE PNEUS—O sr. Francisco Martins, morador na rua Rosa Damasceno, 3, 3.º, apresentou queixa por lhe haverem furtado quatro pneus e outras tantas camaras de ar, ferramentas e peças pertencentes a uma camioneta.

CINCO CONTOS DE CABEDAL—Os gatunos entraram no estabelecimento do sr. Vitor Inácio Gomes, na rua de Xabregas, 51, e levaram cabedal no valor de cinco mil escudos.

DESASTRES

QUEDA DE UM ANDAIME—Marcolino Monteiro, de 60 anos de idade, servente de pedreiro, caiu de um andaime nas obras a que se está a proceder no edifício do Banco Nacional Ultramarino. Deu entrada na sala de observações do hospital de S. José, com ferimentos de gravidade.

CHOQUE DE DUAS CARROÇAS—Deu entrada no banco do hospital de S. José, sem fala, Veríssimo Mateus, de 68 anos, jornalista, que em Vialonga, Vila Franca de Xira, ficou ferido, após um choque entre a carroça que guiava e uma galera.

Quatro crianças feridas por motivo de uma explosão

BEJA, 19.—Na rua das Alcaçarias, desta cidade, o menor Miguel de Jesus Ramos, de 13 anos, filho de Francisco Domingos Ramos e de Maria Jesus Marçal Ramos, encontrou uma pequena lata que pretendia abrir, para o que se juntou com outros menores. A certa altura, porque a lata continha cargas explosivas que se destinavam a uma exploração de pedra, deu-se uma explosão, que feriu o Miguel e os seus companheiros: João Francisco Jorge, de 14 anos, filho de Inácio Francisco Jorge e Feliciano Baptista Jorge; e os irmãos Jacinto José Palmeirinha, de 11 anos, e Carlos João Palmeirinha, de 14, filhos de Jacinto António Palmeirinha e de Bárbara Dias. As quatro crianças ficaram com alguns dedos esfacelados, sofrendo ainda outras queimaduras pelo corpo.



Dr. Jácome Delfim
RETOMOU A CLINICA
R. GARRETT, 74, s/loja

Uma meia feita
Outra meia por fazer
Se as não comprar nesta casa
Muito terá que coser

MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 158 - LISBOA

COLEGIO DE CLENARDO

Rua do Salitre (ao Rato), 191

Telefone 6 2835

CURSOS PRIMARIO, LICEAL E NOCTURNO

TEATROS E CINEMAS

EFEMÉRIDES

1849: Nasce em Lisboa José António Moniz, filho do actor José Gerardo Moniz. Em 1866, matriculou-se no Conservatório e dois anos depois deu provas publicas em D. Maria, no drama «Maus conselhos», e na comédia «O menino e a mãe vão bem». Estreou-se no mesmo teatro como artista no drama «Palma ou a noite de Sexta-feira Santa», traduzido pelo actor Primo da Costa. Foi ensaiador e em 1882 dirigiu a companhia da actriz Apolónia, percorrendo todo o Brasil.

Aniversários natalícios: o bailarino Soares Borba (Diogo Francisco Soares Borba); o actor Armando Baptista.

Atrás do reposteiro

Projecta-se para depois da «Casta Susana», no Avenida; a reposição da opereta «Miss Diabo», de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, musica de Manuel Figueiredo, uma das grandes criações do actor Estêvão Amarante.

—Está definitivamente marcada para quarta-feira, 26, a inauguração da segunda temporada dos «Comediantes de Lisboa», no Trindade, com a peça de Jean Giraudoux, «A mensageira dos deuses», a primeira d'este notável escritor francês que se representa em Portugal.

—Seguiu para a Beira Alta e Beira Baixa o secretário da empresa do D. Maria, para tratar da colação de espectáculos naquelas províncias, depois da actuação da companhia no Teatro Rivoli, do Porto.

—Deixou de fazer parte do elenco do Maria Vitória, por ter um compromisso com a empresa dum recinto de diversões, o acordeonista João Aleixo.

—A companhia do Teatro do Povo segue para Valença, onde trabalha nos dias 21 e 22.

—Está marcada para a próxima semana a primeira representação da revista «A Vitória», no teatro Maria Vitória, em que reaparece a actriz Luiza Satanela.

—As actrizes Maria Sidónio e Maria do Rosário tomam parte no festival luso-brasileiro que se realiza, na próxima quarta-feira, 26, no Casino de Sintra, em homenagem á missão brasileira á conferencia ortográfica.

Primeiras exhibições

«E tudo o vento levou», no São Luiz

Ontem, provou-se que este filme romantico, caudaloso e tormentoso, maravilha de technico-lor, não estava, afinal, esgotado. Nem tudo o vento leva. Muitas coisas voltam, como o «Gone with the Wind», filme monumental de Hollywood, que constitue um poderoso espectáculo visual. Abriu a segunda parte da sua carreira com chave de ouro. O S. Luiz, apresenta alguns melhoramentos, que agradaram ao publico. E' caso para dizer: sempre por bom caminho e segue.—Visor 42.

Musica! Ritmo! Bravura!

Em dois filmes que só se exibem hoje, e amanhã no Coliseu

O publico de Lisboa que aprecia bons espectáculos, espectáculos cheios de ritmo e de fantasia, tem, hoje e amanhã, no Coliseu, em «matinée», e á noite, um maravilhoso programa de cinema com dois grandes filmes: «Melodias Fantásticas», uma comédia musical cheia de dinamismo, com um enredo enternecedor e numerosos de «music-hall» de categoria, acompanhados por três das melhores orquestras de America, e «Os Pioneiros da Liberdade», aventuras no oeste, onde o «cow-boy» Roy Rogers opera prodigios de bravura e de temeridade, com a força dos seus punhos e a harmonia das suas canções.

Um espectáculo que ninguém deve perder, pois dá hoje a sua penultima exhibição.

«O Clube Trocadero» e «A Noiva Misteriosa», sexta-feira, no Coliseu

Sexta-feira, estreia-se, em «matinée», no Coliseu, um novo programa duplo de cinema, constituído pelos filmes: «O Clube Trocadero», com Rosemary Lane, e «A Noiva Misteriosa», com Blanca e Silos e que é baseada na famosa comédia: «El orgullo de Alcabete», de Paso e Abati.

VARIEDADES 2 SENSÕES

AMANHÃ — 5.ª feira — AMANHÃ Estrela da revista popular

ALTO LA' COM O CHARUTO!

Com Mirita, Vasco e Alvaro Pereira á frente de uma Grande Companhia e a grande atracção

«VIE and JOE SLACK

ARCADIA O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

Sensacional programa de variedades com

HERMANAS APARICIO — MERY — MELY — ISABELITA AROSA — PAQUITA GUEL — AS 7 DIABOLINAS e as Orquestras de ritmo moderno

SAVOY e ARCADIA COM A VEGETA DE «JAZZ» MARY MERCHE



Monumental

Largo Mendonça e Costa, 9 a 11

Rua Carvalho Araujo, 2 a 12

NOITE DA MODA

ALFREDO MARCENEIRO

PRETINHAS

Felizmente, MONUMENTAL chegou e já tem a vitória constigo dos melhores e mais rumorosos artistas. Em cada Espectáculo, MONUMENTAL procura ardentemente, que a sua Ex.ª Clientela, seja bem servida e passe noites de verdadeiro recreio espiritual, ouvindo e apreciando os melhores artistas Portugueses. Repare V. Ex.ª no valeroso programa da noite da moda, de hoje: actriz cantora MARIANA CHAGAS, MOISÉS CAMPELOS, (cantor); ALFREDO MARCENEIRO e FILIPE PINTO, dois autenticos Principes, na arte de cantar; a agradável Maria Virginia e Ida Guerreiro e o hilariante José de Freitas (Sua Ex.ª o Sr. Freitinhos). Em guitarra e viola, os emocionantes Francisco Carvalhinho e Pais da Silva. O MONUMENTAL, é prestigio, conforto, selecção e arte.

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

tem sido o cartaz mais sedutor desta temporada e que maiores sucessos tem registado

Cêrca de 2 milhões de visitantes já gozaram o espectáculo feerico de Palhavã

Mas, não há bem que sempre dure...

e dentro de dias terminará, com pesar de todos, o grande Luna Parque que durante meses deliciou Lisboa inteira

As ultimas noites começam agora a contar-se, razão por que o interesse e o entusiasmo dobrarão

A FEIRA POPULAR DE LISBOA fechará com chave de ouro



Chegaram ás 14 horas no avião de Madrid

Manolete-Appuza

Começa hoje ás 21,30 horas a grandiosa corrida de 1945

na qual toireiam 3 toiros cada um em lide á espanhola

Cavaleiro: D. Francisco Mascarenhas (Fronteira)

8 toiros de casta espanhola dos ganaderos Ex.ªs Srs. Pinto Barreiros e João Branco Nuncio.

A bilheteira dos Restauradores, 7, continua aberta até ás 20 e 30 horas. As bilheteiras da praça abrem ás 20 horas.

Um grande programa

3.ª noite de UMA SEMANA ANDALUZA no

Pavilhão Português

— ar livre e meio livre —

estrela do acordeonista JOÃO ALEIXO

No Palco: Canto, bailados e música por grandes atracções internacionis e a Orquestra

SOUSA PINTO

No Ecran: a grandiosa realização de Bruce Humberstone

O meu coração canta

TUDO ISTO POR \$500

desde as 0,30

SEVILHA

O dancing que está sendo o Paraíso de Lisboa — Grandioso programa de variedades Orquestra SOUSA PINTO e o accordeonista JOÃO ALEIXO

APOLO

2-SENSES-4

Às 20 e 45

Grande successo da inesquecível opereta de graça, emoção e alegria

Nazaré

Irene, Hermínia, Costinha, Santos Carvalho, A. Machado, Luiza Durão, A. Reis e Maria Clara nos principais papeis

O único teatro aberto em Lisboa

REGISTADORAS «NATIONAL»

Vendemos três a preços baratos, provenientes de trocas

Agência Comercial Sueca, Lda.

R. dos Fanqueiros, 250-2.ª. — Tel. 20323

Leiam hoje o **fixe**



ÀS 8.30 DA NOITE!

E tudo o vento levou

Agora, aos preços normais

EDEN O Grande Vendaval

com Geraldine Fitzgerald, Frank Lawton, Victoria Hooper

Às 21,30

«Matinéas» diárias

CAPITOLIO

No Salão ás 21

A MULHER QUE MENTIU SEMPRE NOIVOS

No Terraço, ás 21: O mesmo programa.

REX Inês de Castro

AVENTURA MUSICAL

TERRASSE A MULHER SERPENTE Viva a Marinha!

Missão brasileira á Conferencia Ortográfica

Na próxima quarta-feira, 26, realiza-se, no Casino de Sintra, uma elegante festa em homenagem á missão brasileira á conferencia ortográfica, estando organizado um programa em que figuram numeros de folclore brasileiro e português.

Leilão de objectos roubados

No Toren começou esta manhã um leilão de objectos roubados, apreendidos a gatunos, e que até agora não têm sido reclamados por qualquer pessoa.

Entre esses objectos figuram aparelhos de telefonia, peças de ouro e de prata, roupas, pneus, sucatas varias, e até uma mobilia completa de quarto.

O leilão deve prolongar-se por alguns dias.

Acêrca dum êxito

Estrela Filmas, Lda.,

vem, por este meio, agradecer ao Ex.ª Publico do EDEN TEATRO o bom acolhimento dispensado á super-produção inglesa

«O Grande Vendaval»,

filme baseado na obra imortal de George Eliot, «O MOINHO A' BEIRA DO RIO», e aproveita o ensejo para chamar a atenção de quem ainda não viu o filme para os ultimos espectaculos, a realizar hoje o amanhã, em «matinée» e «soirée», e 6.ª feira, em «matinée».

A todos, pois, os melhores agradecimentos da Distribuidora

ESTRELA FILMES, LDA.

LUSO

Travessa da Queimada, 8-A

Às 21 e 30



J. Santos



A. Caricias

Grande espectáculo Cultural e Artístico. Tomam parte: ANTONIO CARICIAS (o «dã» do Riso, o unico no seu género...), Raquel de Sousa, Eduardo Janeiro, Emilia Ferreira (no seu estilo caracteristico), MARIA JOSE (a mais nôvel cantadeira 100 % fadista).

Hoje—Solos de guitarra—Hoje, pelo exímio guitarrista JAIME SANTOS, acompanhado em viola pelo professor MARTINHO DE ASSUNÇÃO. O LUSO está sempre em Festa.

Retiro dos Marialvas

Empresa JOSÉ MIGUEL

Às 21 horas, cantam os apreciados artistas: Mercia Condessa, Adelaide Cardoso, Modesto Maia, Fernando Gasparinho, Tristão da Silva, e o ás do riso António dos Santos. ENTRADA FRANCA.

PEÇAM PORTO POÇAS JUNIOR

Agentes distribuidores: Pérola do Oriente, L.

Rua da Rosa, 198—Telef. 25565

CONDES Submarinos à vista

com Pat O'Brien e George Murphy

Às 21 e 30

GINÁSIO A mulher dos meus sonhos

18.ª SEMANA

Telef. 20556

ODEON OS CARRASCOS TAMBEM MORREM

com Brian Donlevy, Walter Brennan e Anna Lee

LYS A Mulher Serpente VIVA A MARINHA!

Às 21 e 30

CASINO ESTORIL A PONTE DE SAN LUIZ REY

com Lynn Bari

VIDA Literária



OS NOSSOS NOVELISTAS

“FORAM ESTES OS VENCIDOS”

de Fausto Duarte

Com o seu toque romântico e aquela ardência que lhe anda no sangue, Fausto Duarte tornou-se um escritor de características próprias sobretudo, quando descreve o continente negro e a sua masela de raças e civilizações. «Auá», o seu primeiro romance, deu-lhe um merecido renome. Era das primeiras vezes que, em Portugal, se fazia exotismo observando de perto a realidade, sem ficções, nem lugares comuns, destes que o cinema adrede arranja e que parecem impressionar agora, de certa maneira, a literatura da especialidade. O livro publicado por Fausto Duarte é um feixe de novelas, que tem por título: «Foram estes os vencidos». Escritas com intensidade dramática, no cerne de temas escolhidos, elas focam, na verdade, a realidade tangente do homem e do seu drama. A primeira passada no tempo dos descobrimentos, parece-nos que ainda não havia sido tratada. Refere-se a dois degredados que são abandonados na costa da Guiné, um dos quais morre á mingua de água, no areal despojado. É impressionante. «Eva Maria», ocorrida na Alemanha, é duma actualidade flagrante. Fausto Duarte marca neste livro um melhor domínio de técnica literária, isto é, cinge mais de perto os caracteres, num desenho quasi exemplar, dominando também com segurança, os efeitos dramáticos.

O PRETO NO BRANCO

Sobre Teatro e Cinema

O Graciano é um excelente moço, cheio de interesses e entusiasmos literários que é natural de Melgaço e que veio para Lisboa tentar, como tantos outros, o jornalismo e a literatura. Eu tenho uma profunda simpatia por este rapaz sério e confiante, que veio do seu florido jardim minhoto no propósito simpático de escravizar a Glória em Lisboa. De todas as modalidades literárias a que mais o entusiasma é o teatro e, como se dá o caso, de eu ter perpetrado algumas comédias, o Graciano não se cansa de me falar em teatro, de me confiar os seus projectos e de querer saber as minhas opiniões. Quanto a estas últimas,—as opiniões—eu já lhe declarei que não tinha se não as que vêm nos jornais. Sou um espectador benevolente. Dá-se o caso curioso de que Graciano não é cinéfilo e tem vinte e cinco anos. Eu achei o facto tão admirável que confessando-lhe que gosto imenso de cinema, quis que ele me explicasse as razões da sua frieza, inexplicável num homem novo, diante dessa grande arte em pleno triunfo e ascensão.

E ele corrigiu logo:

—Ascensão, não concordo. O cinema não pode subir mais porque está no apogeu.

—Ora essa!—contrariei eu—Bastará que se obtenha nas projecções a ilusão optica do volume e que se acentuem as maravilhas que já se obtêm no colorido, para que o cinema seja uma coisa diferente e mais bela do que é hoje.

—Eu julgo que isso não terá grande influência—insistiu o Graciano—Não se pode já representar melhor do que representam hoje os grandes «os» da tela. E dificilmente também se encontrarão realizadores, escultores de carne humana e com vida que a modelam como plasticidade, e que possam ir mais longe que os actuais.

Há dias, fui ver um filme célebre. Sai do espectáculo esmagado pela perfeição de tudo! Até vi bichos representarem como se fossem pessoas! Os grandes planos revelaram-me expressões de dor e de alegria, expressões de todas as «nuances» da emoção, que eu não posso admitir que haja processos mais eficazes de fazer traduzir a uma máscara de homem ou mulher, com maior intensidade e perfeição, tudo aquilo que o Espírito pode modelar na face humana. E a precisão, a medida com que aquilo tudo é feito! Estou convencido que se contam os segundos. O realizador, depois de centenas de experiências, escolhe o momento optimo da imagem e fixa-o. Só nos estudos é que se pode representar mil vezes mal. Na tela, nunca. O que ficou foi o esplêndido. A parte midiocre ou má cortou-se a tesoura e atirou-se, em metros de película, para o caixote do lixo!

No cinema só há grandes actores e todas as mulheres são lindas. O que a máquina fixa são só as fugazes e impressionantes maravilhas. O efeito dramático duma lágrima de valselina, possivelmente medida a conta-gotas, é uma coisa que só não faz gritar de afeição porque o espectador sabe que está diante dum retrato e não duma pessoa, em carne e osso, a sofrer. E a voz? A sonoridade, o timbre, a naturalidade das inflexões, a dicção que parece «conversada», aproveitadas a máquina também no melhor momento, ainda que o actor esteja constipado, de normalmente fofas, tem uma voz de «sete falinhas» com finos e grossos. É a perfeição—concluiu ele.

—É isso mesmo! A Perfeição—disse eu.

—Pois é essa mesma perfeição que faz com

(Continua na 9.ª pag.)



«MARIA DA LUA»

O ROMANCE E A ROMANCISTA

A palavra «romance» representa, por si só, tanto de sonho, ou mais, que a palavra «poesia». Ele é, pode dizer-se, a poesia da vida, relatada com toda a sua dureza, em fuga para os instantes da paz ou da inquietação impossíveis, próprias do ser humano.

A sua dificuldade de realização está precisamente na atmosfera que o escritor imprime ao seu romance. De certo que ele deve ser conscienciosamente verdadeiro. Porém, como na poesia, nem todos os assuntos lhe devem convir. Há figuras e factos que, embora arrancados fielmente ao quotidiano não conseguem ser centros de interesse. É preciso que o escritor pense: nenhuma vida, por mais dura, por mais negra, repele um raio de luz. É próprio da condição humana, a procura incessante da esperança. É próprio da condição humana a poesia.

O escritor que consegue, dentro dos limites, ou sem limites, do romance, a encantada realidade, procurada pelo leitor, mais ou menos sensível, mais ou menos culto, conseguiu um verdadeiro romance. Não me quero referir ao romance de situações impossíveis e milagrosas. Refiro-me a aquele que sendo autentico é poeticamente real.

Infelizmente, apesar de muitos criticos baterem pela unificação de uma literatura no que se refere a masculino e feminino, a verdade é que os nossos escritores nem sempre são perfeitos no desenho das figuras femininas, ou no-las dão demasiado sensuais, ou demasiado moles, demasiado distantes, demasiado impossíveis. O mesmo dião das figuras masculinas desenhadas por mulheres. Não estou porém a rebater opiniões, mas sim a expor as minhas. É fora de duvida que o movimento operado na literatura de um país corresponde ao movimento de outras literaturas. Não é, no entanto, honroso, embora natural, a influencia de estranhos numa literatura. Atraídos pela beleza da saúde e pela serenidade da grandeza os nossos escritores fogem, de preferencia, para os romances americanos, brasileiro e inglês.

O mesmo se não pode dizer das escritoras portuguesas embora insistam alguns criticos em comparações que nada têm de elogiosas—parecendo que o são.

Essas, conservam na linguagem, no estilo, na construção, na fantasia, a nossa nacionalidade temperada do calor, da humanidade e do maravilhoso a que se pode chamar feminilidade Iberica ou simplesmente portuguesa.

Remontando quinze anos atrás, lembro-me ainda, através dum cérebro de dez anos, dos artigos, contos, crónicas, que infestavam as nossas revistas femininas. Cada frase, cada período eram um requinte de arranjo, de illusorio, de bonito.

Nas gerações anteriores não achamos em escritos de mulheres a fonte onde cobrar alento para abrir novos horizontes. Somos orgulhosamente pobres. Não temos nomes que emparecem com Camões, com Vieira, com Eça de Queiroz ou Camilo. Por isso mesmo a renovação que se tem dado entre as nossas escritoras revela uma força poderosa e fecundamente criadora.

Vem tudo isto a proposito de um romance: Maria da Lua, de Fernanda de Castro.

Seria algum escritor português capaz de desenhara a figura de Maria da Lua, com a riqueza com que o fez esta escritora? Parece-me que não. E parece-me, sobretudo, que Fernanda de Castro ao dar-nos um documento humano revelador de uma sensibilidade tão estranha, e ao mesmo tempo tanto em luta com a vida, nos pôs em frente de um desses romances que são a voz de uma literatura e de uma época.

Acontece que também no detalhe da figura do Tio António, Fernanda de Castro está á vontade. Mais do que isso: traça uma figura de homem, viva, em acção, que podemos ver com os nossos olhos. Bom e birrento como uma criança, velhinho de bigodes que sonha com uma inalcançável sorte grande e batalhões de anjos a tocar flauta, com ele, na luta com a sua morte, Maria da Lua atinge um recorte tão extraordinário que a seguimos empolgados e doridos como se tudo se passasse num plano fantástico.

A tia Emiliana é o tempero mais brusco deste romance surpreendente. E todavia a sua

NATERCIA FREIRE

(Continua na 9.ª pag.)

Fisionomia da multidão



Londres no dia V-J, vitória sobre o Japão. Cada rosto é uma alegria e uma esperança, mas na sua diversidade há uma intensa coesão espiritual

OS NOSSOS CONTOS

CARLOS

por ANTUNES DA SILVA

Raramente estou assim. Nos outros dias, vou de manhã para a loja, venho depois ao almoço, regresso ao trabalho, torno a ir a casa jantar e á noite entretenho-me quasi sempre com filmes dos Jean Gabin e á sociedade recreativa ler qualquer livro. Mas como hoje, a pensar desta maneira, a sentir o futuro tão perto de mim como braço protector a dar-me forças em caminho tão virado—nunca estive.

A principio julgo que isto é um sonho, não

«Fumée d'Ame»

de M. BERTHE TOSCANO PESSOA

Há neste livro de poesia, a doçura romântica do espirito de Musset e aquela graça nervosa e sentida de Paul Gaudy. É com verdadeira emoção que se lê esta *Fumée d'Ame*, de Marie Berthe Chauvin Toscano Pessoa (Ghyslainne). A autora serve-se do prestigio da sua bela lingua para nos dar estados de alma, crises de paixão, sonhos de solidão, com uma pureza e um ritmo que têm qualquer coisa de musical. Estamos na presença de uma poetisa que consegue transfigurar em beleza a sua paisagem interior e fixar o mais pequeno frémito de sensibilidade. *Fumée d'Ame*, de Marie Berthe Chauvin Toscano, é um verdadeiro escrinio de joias poeticas, onde cada uma tem uma história, por vezes, triste, mas cujo fulgor radia, vivo e deslumbrante.

tenho confiança própria, sinto que a vida é uma coisa muito caricata. O velho Anastácio diz o mesmo. Na loja de sapataria do Mira fala-se e confessa-se que a vida nunca esteve tão incompatibilizada com os pobres... Mas são exageros. Afinal, o Mundo não se fez num dia e o senhor Anastácio é capaz de não ter razão.

Dizia eu pois ao Arlindo que a morgada do Cabeço tinha endoidado. Mas não era isto!... A conversa que me interessou mais foi o Arlindo dizer que a menina Maria Luiza dissera aos pais que não gostava do engenheiro das Galveias. Palavra que não esperava aquela. Um namorado de quatro anos... mas no meu fundo, rejeitei. A Maria Luiza! A menina bonita da vila. Conhece-a mimalha, era ela um botanito de rosa a empinar sorrisos para o céu; era eu um frangote que brincava mais outros da minha igualha aos cinco cantinhos no largo do Lazareiro. Nessa noite não dormi. Um desassossego, uma alegria... A pensar, a crer e a descrever de tamanha divulgação, fui treinando o pensamento para a realidade. Que eu já ouvira o Anastácio uma vez:

—Olha! ela perguntou-me em segredo se tu não continuas a estudar!...

Também não esperava tamanho interesse. Tinha eu quinze anos, tinha ela outros quinze. Eu tirara a instrução primária com sufficiente; ela com optimo. Eu tinha por pai um serralheiro

(Continua na 9.ª pag.)

1 «A Carta das Nações Unidas», explicada e estudada pelo sr. dr. Pereira da Silva. Trata-se de um livro necessário a consultar com frequência pelos que tratam de problemas internacionais. Livraria Franco.

2 «Problemas de Farmácia», de A. J. Santos. O autor é alguém, na sua classe, não, apenas, sob o aspecto técnico, mas como conhecedor profundo dos assuntos que mais afectam. O sr. A. J. Santos Morais fornece interessantes subsídios para a reorganização da profissão.

CRÍTICA LITERÁRIA

I — A «verdade humana»

Não sei se devo insistir. Talvez valha a pena. Tantas vezes tenho debatido aqui o problema que todos aqueles que se dão ao trabalho de me ler devem saber de cor e salteado as conclusões a que eu tenho chegado. E os outros, esses não há nada que eles não saibam. Daí tudo continuar como dantes... quartel general em Abrantes.

Evidentemente que o romance requer expressão viva e directa, o romance requer nervos e sangue: não confundir, porém, estes requisitos com um palrar improvisado, espécie de conversa fiada em que entra tudo: o que se deve dizer e o que é bom calar, o que merece ser dito e o que nunca deveria comunicar-se.

O romance francês não é modelo a seguir em absoluto. Todavia, quando se lança a vista ao *Adolphe* ou se relêem as páginas do *Cahier Rouge*, de Benjamin Constant, depois de uns anos de leitura desses romances improvisados sobre o joelho que continuam a ser o prato de resistência da literatura portuguesa nos arraiais dos jovens ficcionistas, apetece chamar a atenção desses moços para as virtudes fundamentais de tal escritor e de tais obras.

Que é que caracteriza o estilo do romance português contemporâneo? (Ressalvam-se, claro está, as honrosas excepções). Um ir á deriva na expressão dos sentimentos das personagens, um caminhar ás cegas na composição das cenas, um não te rales na observação e na descrição. Tudo quanto vem á rede é peixe. Como se estabeleceu, e muito bem, que se não deve sacrificar a «verdade humana» á literatura, os jovens romancistas, sem darem por isso, caem num vício novo: a anti-literatura sistemática ou seja, a negação daquilo mesmo que se procura. Pois não é verdade que escrever um romance é fazer literatura? Pois não é verdade que não há obra literária humana que não seja literária?

E' um facto: a «verdade humana» não deve ser sacrificada á literatura. Mas também é certo que não há «verdade humana» em literatura sem uma atmosfera literária. Relendo Benjamin Constant, esse clássico do romance analítico, encontramos, naturalmente, características de que só o romance francês é senhor. Há uma sistemática abstracção do elemento real em cada página, em cada cena. Não se nos mostram corpos movendo-se: explicam-se-nos almas que se pressupõe existir dentro de corpos cujos movimentos o leitor depreende. Isto não é para nós, está claro. Mas o que não pode deixar de ser para todos quantos escrevem romances e muito principalmente para aqueles que tentam o romance analítico é a lição que se depreende da leitura destas obras onde não há uma palavra a mais nem um ponto morto no estudo dos sentimentos que habitam as suas personagens.

E' isto: a «verdade humana» no plano das coisas humanas é um fenómeno natural. Não assim, no plano das coisas literárias. Af já é uma ficção. Como tal requer um artifício capaz de provocar da parte do leitor um sentimento de realidade que não é a realidade. Aliás, é assim mesmo. Na própria vida só nos impressionam os dramas alheios na medida em que eles se nos tornam patentes. Males que não se vêem, não se sentem, diz o povo. E', pois, necessário, pôr em relevo alguns aspectos capitais da «verdade humana» para que ela nos impressione.

O estilo dos nossos jovens ficcionistas é feito de tacteamentos. Dir-se-á que caminhamos num terreno pantanoso onde os pés se nos enterram na lama a cada passo. Constant é preciso: as suas palavras dizem sempre o essencial. E as cenas evocadas são capitais. Não deixa nada ao acaso. Os nossos jovens romancistas, não. Nunca estão seguros das palavras que empregam: empregam a primeira que lhes ocorre. Não têm segurança nas cenas que nos mostram: mostram-nos imensas inutilidades. Daí a extensão que alcançam muitos dos seus romances. E' evidente que os mais belos romances são longos. Mas a extensão dos belos romances é maciça: não há vazios na sua acção. Eis o que se não dá com a extensão de certos romances portugueses: são longos, porque o romancista não soube fazê-los pequenos. Ignorante da densidade que é preciso dar a cada cena e da verdade que é preciso imprimir a cada episódio, o incipiente romancista português põem-se a encher páginas como quem enche chouriços, sem ter sequer o cuidado de picar a tripa de tempos a tempos. Resultado: quando a acção não reventa, reventa o leitor, que chega ao fim da obra com a sensação não de quem leu um romance, mas de quem esteve na cozinha a vê-lo cozinhar.

II — As virtudes do tema

Perante uma obra como esta de Joaquim Ferrer, *Ilha Doida*, mais um romance da colecção *Novos Prosadores* editada pela Coimbra Editora, o crítico não resiste a lamentar que

ILHA DOIDA, romance por JOAQUIM FERRER

tão belas qualidades sejam assim esbanjadas sem conta nem medida. Joaquim Ferrer começa por escolher um desses temas em que a nossa literatura é arripantemente pobre. Isto só por si constitui uma recomendação. Um tema bem escolhido é uma valiosa credencial para um romancista. Depois ousa tratá-lo com uma liberdade de movimentos que só pede elogios. A adolescência é tão vária e são tão informes ainda as determinantes sociais que prendem o adolescente ao meio que não há melhor maneira de tratar um herói do poucos anos que lançá-lo, assim, numa série de quadros avulsos, sem o forçar a uma acção rigorosamente dramática. E' claro que isto é, pelo menos, a forma mais fácil de tratar o tema da adolescência. Não quer dizer que não haja outra. Estão aí a demonstrá-lo *Les Enfants Terribles*, de Jean Cocteau, ou *Les Faux Monnayeurs*, de André Gide. Em todo o caso, o processo adoptado por Joaquim Ferrer era o mais conforme com a natureza do seu tema. Por este lado não há que censurá-lo.

Ilha Doida pinta a vida num colégio de rapazes. Não só isso, é certo, mas isso principalmente. Adrião é o herói central do romance, embora não haja propriamente um herói, pois a existência de um herói como centro da acção pressupõe já de si uma «acção», um progresso nos acontecimentos, e no romance de Joaquim Ferrer tal «acção», tal progresso não existem praticamente. Seja como for, Adrião é a personagem com quem o romancista mais se identifica. E' através dos seus olhos que se desenrola a maior parte das cenas do livro. Adrião, o Iol, o Balão, o Trinca Espinhas, o Quadrado das Forças, o Pina Basófia, o Bispo Negro, toda a mocidade do colégio de S. Caetano, todo o livro com vigor, observação, verdade e relevo. Não há nada a dizer quanto á realidade psicológica destes adolescentes, cada um com os seus sonhos, com as suas manias, com as suas apreensões, com os seus vícios, com o problema do seu próprio carácter no momento em que o carácter dá os seus primeiros sinais de vida. Joaquim Ferrer deve ter disposto largamente das suas reminiscências pessoais. S. Caetano é um desses colégios, como ainda há tantos entre nós, em que o director, á mingua de inteligência humana para saber conduzir os seus alunos, recorre á violência e á tirania física. O padre Lopes é uma figura sombria, que só desperta ódios. Embora os rapazes com quem ele se vê obrigado a lidar sejam, por vezes, diabólicos, o certo é que os seus métodos pedagógicos são daqueles que apenas servem a exacerbar a indisciplina, a crueldade, a fúria, o ódio que habitam no fundo da mais pura adolescência.

Figuras verdadeiras, meio verdadeiro, sentimentos verdadeiros, dir-se-á, pois, que nada há neste romance que mereça reparo. Infelizmente, assim não é. Se a leitura de *Ilha Doida* é amena, não obstante o seu grande numero de páginas, não é isso razão para não lamentarmos que ela tenha páginas demais. Se as suas figuras são verdadeiras, nem por isso deixaremos de notar que o seriam muito mais, sob um ponto de vista literário, caso Joaquim Ferrer tivesse sabido tornar «literária» essa sua verdade. Se a fluência livre das cenas mantém viva a frescura da existência algo anárquica da adolescência, o certo é que essa fluência vai longe de mais. Inarticulada, a acção do romance perde em significado dramático, caindo, por vezes, num pitoresco demasiado fácil.

III — Os seus defeitos

A razão fundamental destes senões tem de se ir buscar em grande parte á desatenção com que os nossos jovens romancistas se lançam na literatura. De facto, já não há que censurar a Joaquim Ferrer nada do que era censurável nos nossos romancistas de há dez anos. Sabendo onde se devem procurar os elementos com que escrevem as obras de ficção, Joaquim Ferrer e muitos dos seus camaradas mostram-se hoje perfeitamente conscientes da arte que cultivam. Mas esta confiança com que maneiam as alavancas do romance acaba por ser-lhes prejudicial. Joaquim Ferrer não pensou em condensar as cenas do seu livro, para extrair delas um sentido mais directo, mais expressivo, mais dístico. Em vez de evitar o pitoresco aliás dado com felicidade empregando-o apenas quando rigorosamente preciso á acção, compraz-se em contar «partidas» dos rapazes que nenhum interesse oferecem em si e nada importam para o melhor conhecimento das personagens ou para o mais tenso desenvolvimento da acção. Quando se nos depa-ram aqueles pequenos capítulos, cada um de-terminado com o seu título sugestivo, supomos estar em presença de um livro composto de pequeninas cenas, cada uma com o seu significado e a sua auréola de poesia. Só isso justificaria, de facto, a sucessão de trechos aparentemente autónomos, dada a maneira de os individualizar com um título. Mas não. Joaquim Ferrer adoptou este processo sem o ter compreendido. O título esquece, mal se entra na leitura do capítulo, pois não há entre ele e a matéria contida neste uma verdadeira identidade simbólica ou poética, como acontece nos livros de Machado de Assis ou no *Poil de Carotte*, de Jules Renard. E quanto á unidade poética dos episódios, nenhuma existe. E' este,

parece-me, um dos principais senões deste livro.

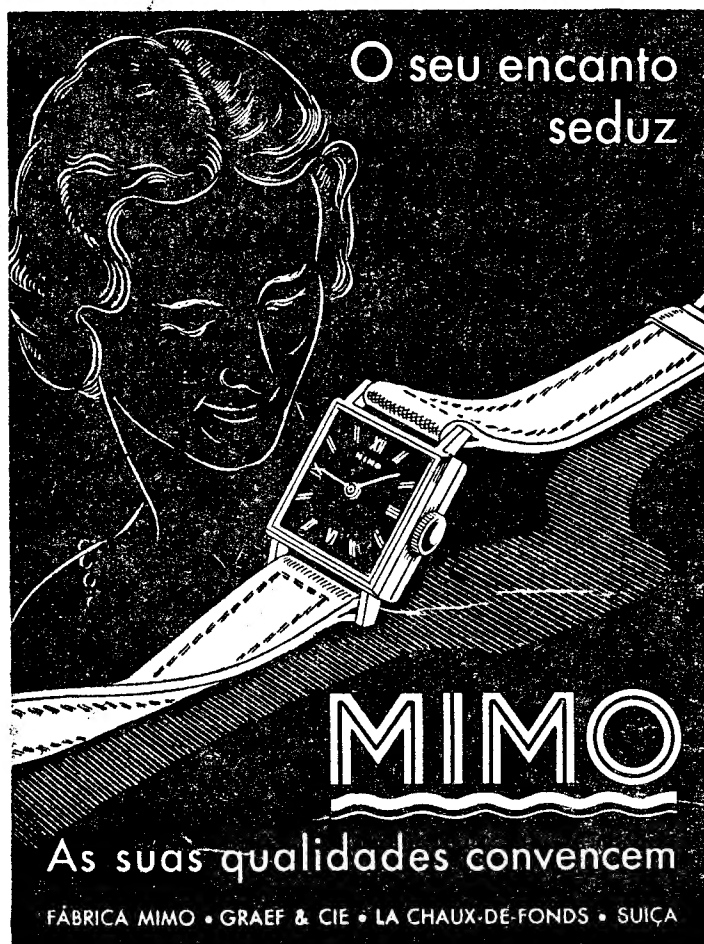
De facto, desde o título, *Ilha Doida*, até á maneira sincopada como é narrado, este romance promete uma poesia que, em realidade, não tem. E o mais curioso é que essa poesia se presente no fundo da obra. Não vem á superfície pela simples razão de que Joaquim Ferrer, querendo ser verdadeiro, não soube ser, ao mesmo tempo, artista. Sim, desde os diálogos, por vezes fielmente reproduzidos da linguagem naturalmente pitoresca dos garotos, até á escolha de certos pormenores, como sejam os sonhos, os amores e as angústias religiosas de Adrião, há neste livro matéria de sobra para tornar poético o tom e o ritmo da história. Tal não acontece, porém, salvo naqueles raros capítulos em que o autor se esquece quasi por completo de que está a ser romancista, e abdica portanto, de ser verdadeiro (lembramos os capítulos da comunhão e sobretudo *A Penitência*), pelo menos de um ponto de vista exterior, anotando apenas reminiscências íntimas. Nos outros, tão preocupado está em escrever com fluência e realidade exteriores, que sacrifica a beleza literária — e portanto poética — á descrição objectiva dos casos, dos tipos e das cenas.

Vejamos um exemplo: Adrião, tocado pela varinha mágica do amor, tenta fazer versos. Joaquim Ferrer descreve-nos as angústias do malfadado poeta num estilo comum, chato, sem o mais pequeno vislumbre de beleza literária ou poética. Por exemplo: «Ai, como era difícil ser-se poeta», escreve o romancista, perante o malogro do seu intento. «Alguns dias passaram e não sabendo o que mais acrescentar á poesia, desistia de ser poeta. Como lhe foi dolorosa essa renúncia. Era como se quebrasse dentro de si uma corda de musica. Atirou-se ao violino e ferrunhou desesperadamente. Alguns bonecos de barro, que eram da sua estimação, agarrados, arremessou-os contra uma parede do quarto. Ficaram manchas, como se fosse de sangue. E teve pena dos bonecos... Teve pena de si...»

E' evidente que o caso em si, a angústia do rapazinho apaixonado que tenta em vão exprimir o seu amor: pela poesia, não é particularidade do herói de Joaquim Ferrer: é um acidente comum a quasi toda a adolescência. Todos os rapazinhos de doze ou treze anos que pela primeira vez se enamoram sentem desejos de exprimir em versos as suas ansiedades amorosas. Logo, que deve fazer o romancista que procura traduzir literariamente um episódio destes? Pintá-lo com um relevo literário que lhe dê ao mesmo tempo uma sugestão dramática forte e que mostre quanto possível originalmente os seus lados menos vulgares. Eis o que não fez Joaquim Ferrer. Com palavras comuns, sem apurar os pormenores nem dar originalidade á observação, desatento á beleza musical da linguagem e completamente alheio a qualquer requinte na fixação impressiva das circunstâncias psicológicas que acompanharam a angústia do seu Adrião — ei-lo que lança ao papel frases sobre frases e malogra inteiramente a impressão que o caso poderia ter sobre o leitor.

Não se trata de um pormenor adrede escolhido. Trata-se de uma demonstração tipo dos defeitos literários de *Ilha Doida*. Salvo em meia dúzia de cenas em que há uma mais íntima conexão entre as circunstâncias do romance e qualquer reminiscência pessoal do escritor, fóra disso o livro é inteiramente escrito de maneira idêntica ao pequeno trecho que transcrevemos. Deste modo, a «verdade humana» deste livro, bem enunciada no tema e na intenção, perde-se por falta de apuramento literário, por descuido, por desleixo. Repare-se que não atribuo este infeliz malogro do que havia de bom no romance *Ilha Doida* a qualquer manifesta falta de talento do seu autor. Não creio que Joaquim Ferrer seja incapaz de apurar a boa matéria humana que revelou neste livro. Trata-se, estou certo, de uma má compreensão da arte literária. Para bem descrever um objecto, dizia Flaubert, é preciso observá-lo durante tanto tempo quanto seja preciso para ele se nos representar como diferente de todos os outros da mesma família. E' isto que não fazem os romancistas da escola de Ferrer. Olham e lançam logo a palavra atrás da imagem. Não se permitem sequer o tempo necessário para fazer «sua» essa imagem. E' certo que há escritores tão naturalmente dotados de expressão literária que não sabem dizer nada com relativa «verdade humana» sem que essa «verdade humana» já seja em si «verdade literária». E' o caso, por exemplo, de um Miguel Torga. Não se dá isso com Joaquim Ferrer. Muito mais apto do que aquele escritor a conceber e realizar um romance, pois a concepção e a realização técnica da *Ilha Doida*, nas suas linhas gerais, é mais que razoável, falta-lhe, no entanto, converter a pura «matéria humana» em «matéria de ficção», o puro «caso humano» em «caso literário». Diga-se o que se disser, faça-se o que se fizer, a arte literária é arte literária: não há maneira de fugir desta verdade de La Palice.

JOÃO GASPAS SIMÕES



O seu encanto
seduz

MIMO

As suas qualidades convencem

FÁBRICA MIMO • GRAEF & CIE • LA CHAUX-DE-FONDS • SUÍÇA

ECOS

Em três palavras se sintetizam as grandes aspirações do nosso tempo—de todos os tempos também—pão, paz e liberdade.

Chegarão os povos a satisfazê-las?

A série de conquistas em que se empenham os homens durarão, enquanto durar a humanidade. Vitória final e total, impossível. A passo lento, com os olhos postos numa altura tentadora, vamos caminhando de época para época.

Se um dia fosse possível ter em abundância «pão, paz e liberdade» produzir-se-ia uma «crise de imobilidade».

—Se tudo alcançamos já, que nos resta agora fazer?

A família humana, sentindo-se segura contra as duras necessidades interromperia as suas lutas e descansaria, sem penas nem cuidados. Entraríamos de novo no paraíso, à espera da serpente enganadora, tornando ao princípio. Não é isto o «eterno retorno»?

■

O doutor Costa Pimpão, professor da Faculdade de Letras de Coimbra, publicou a dissertação que apresentou para o seu doutoramento, em filologia românica. Estuda Fialho de Almeida e sob este título conciso mas expressivo: «Fialho». Traça os lineamentos certos duma biografia que, quando concluída, será um monumento votivo ao mestre. Referindo-se às dificuldades que encontrou, diz o seguinte:

—Tivemos, porém, desde o início, a ambição de assentar as nossas afirmações em evidências, provas e documentos; e ainda que, sob este aspecto, estejamos convencido de que o nosso estudo pode sofrer confronto com outros já publicados sobre o mesmo escritor, não se quis perder a oportunidade em que esse estudo estagiou na gaveta, para o reforçar aqui e além, com testemunhos e argumentos novos.

Esta obra, cuja apreciação compete ao nosso ilustre crítico, merece-nos interesse e admiração sem reservas, esperando nós que ela sirva de estímulo a outros trabalhos congêneres, feitas por professores universitários.

■

Parece que houve, em tempos passados, numa terra famosa da Espanha, um avaro sordido que, enquanto viveu, explorou os trabalhadores que ocupava, reduzindo-os à lei da fome. Mas antes de morrer, comido de remorsos, deixou uma parte da sua enorme fortuna, a fim de construir-se um hospital para os necessitados. Um comentador espiritualoso e ladino apreciou assim o nobre gesto:

—Bela acção, sem dúvida! Foi pena, porém, que criasse primeiro os pobres, para os internar depois no seu hospital.

■

Em Macau, nas horas cruéis da guerra, houve sempre piedade para com os que lá buscavam refugio e protecção, pois as nossas autoridades foram acolhedoras, até para os pobres e famintos. Por todo esse oriente asiático, onde imperava o odio e a perseguição, Macau foi a única janela aberta para a humanidade. Encheu-se de refugiados e o governador, comandante Gabriel Teixeira, honrou Portugal e as suas tradições hospitalares.

E' bem preferível amparar os fracos, os desgraçados, a lisonjejar os fortes.

Procedemos de maneira a marcar bem que, numa civilização que abdicava do seu papel, nós «oubemos manter o culto da bondade e da clemência, obsequando o mandamento—«Não matarás».

■

Faleceram duas velhinhas—uma com 102 e outra com 103 anos. Pessoas modestas, receosas das tempestades da vida, vagarosamente, com a sua carga de invernos, alcançaram uma faulha de notoriedade.

No pequeno torrão em que nasceram, a obscuridade dos destinos era a paga do amor ao trabalho e à virtude. Nunca o seu nome deixou de ser a expressão viva dum gosto profundo pelo amor que se reparte, mesmo quando a adversidade nos bate à porta.

Cada uma das duas centenárias, se um dia voltasse à terra, não acharia, talvez, vestigio da sua passagem. Poderia exclamar, contente:

—Já ninguém se lembra de mim! Isto é sinal de que não fiz mal a ninguém.

O ponto de vista da Itália apresentado na Conferência de Londres

LONDRES, 19—A embaixada italiana publicou o seguinte comunicado, depois da meia noite: «Em conformidade com a decisão tomada relativamente aos trabalhos da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros, o ministro dos Estrangeiros italiano, De Gasperi, não está em condições de informar a imprensa sobre as observações que submeteu à conferência. Todavia, crê que lhe é permitido exprimir em termos gerais o espírito e os princípios em que se baseia o ponto de vista do governo italiano sobre a questão das fronteiras orientais da Itália.

De Gasperi lembrou aos ministros dos Estrangeiros que se reuniram para assumirem a responsabilidade histórica de uma solução equitativa, que 600.000 italianos que caíram na primeira guerra mundial verteram o seu sangue, não só para libertação do Trentino e de Trieste, mas também para contribuírem para a libertação de outras nacionalidades oprimidas. E' com o mesmo espírito de solidariedade europeia que a Itália agora se declara pronta a fazer pesados sacrifícios, para apressar a reconstrução de um mundo melhor e para salientar mais uma vez o seu sincero desejo de reatar com o seu vizinho jugoslavo os elos de amizade quebrados pela agressão totalitária, que a democracia italiana sempre repudiou e condenou.

Neste espírito, De Gasperi exprimiu o ponto de vista italiano para uma solução equitativa, que deveria reduzir ao mínimo as minorias nacionais de ambos os lados da nova fronteira, embora obedecendo à necessidade de garantir a Trieste e a outras cidades indiscutivelmente italianas de Venezia Giulia a possibilidade de vida próspera, levando também em conta a necessidade de evitar a desintegração da vida económica da região. De Gasperi salientou especialmente a necessidade de garantir a função internacional do porto de Trieste e, entretanto, pediu ao conselho que adopte medidas de emergência para obviar às consequências económicas e sociais alarmantes, resultantes do estado anormal de coisas em relação com a actual linha de demarcação. E' bem conhecido que, até ao passado, De Gasperi sugeriu a linha Wilson como possível base de discussão.—(R.).

A situação na Argentina A manifestação de hoje

BUENOS AIRES, 19—Falando pela rádio aos trabalhadores da Argentina, o coronelshrdlu shrdlu shrdlshrdtiu que «a marcha da Constituição e da Liberdade» marcada para hoje, tomaria o aspecto duma agressão ao actual governo. Referiu-se a motivos obscuros que levaram a organizar essa «marcha» e convidou os trabalhadores a colaborarem com as autoridades no caso da manifestação degenerar em desordem. Concluiu, dizendo que as autoridades «estão alertas e prontas a agir, se fôr necessário». —(Reuter).

A energia atómica

CANBERRA, 19—O ministro australiano das Industrias, Dedman, declarou hoje na Camara dos Representantes que, o mais breve possível, seria utilizado o «Thorium» como material básico para se obter energia atómica. Dedman acrescentou que não vinha longe a época em que a energia atómica seria obtida de elementos além do urânio pertencentes ao grupo do «Thorium», que existe em muito maior quantidade de que o urânio.—(R.).

O ministro das Colónias fez várias visitas na região de Nova Lisboa

NOVA LISBOA, 19—O sr. ministro das Colónias e sua comitiva foram, hoje, de automóvel, visitar os núcleos agrícolas da região de Quipeio, seguindo para as instalações da Companhia Agro-Pecuária de Angola, cujas instalações percorreram demoradamente. Foi oferecido um almoço e, aos brindes, o director da Companhia pronunciou um discurso de saudação ao sr. prof. dr. Marcelo Caetano.

Mais tarde, aquele membro do Governo, acompanhado pelo bispo da diocese e pelo sr. dr. Piedade Rebelo, delegado de Saude, visitou o Seminário de Quipeio, onde um grupo de seminaristas indígenas entoou vários hinos religiosos. Um dos alunos, também indígena, saudou o sr. ministro das Colónias, que respondeu salientando o grande papel que desempenha o clero indígena no progresso e na civilização de Angola.

A seguir, o sr. prof. dr. Marcelo Caetano visitou as instalações da missão, muito bem instaladas, onde se encontram trezentos professores indígenas e alguns milhares de alunos, os quais cantaram «A Portuguesa» á chegada do ministro.

O sr. prof. dr. Marcelo Caetano esteve ainda em Vila Flor e em Vila Robert Williams, cujas populações o receberam com enorme entusiasmo. Nas ruas do percurso, senhoras e crianças atiraram sobre o ministro e comitiva pétalas de rosas.

O sr. prof. dr. Marcelo Caetano regressou ao fim da tarde, realizando-se um jantar íntimo na residência oficial.—(Lusitania).

AS DATAS DOS JULGAMENTOS de Laval e Darnan

PARIS, 19—Foi anunciado oficialmente que o julgamento de Pierre Laval começará no dia 4 de outubro, no velho edifício do Senado, no palácio do Luxemburgo, onde a assembleia consultiva costuma celebrar as suas reuniões; mas admite-se a sua transferência para o dia 23, devido à realização das próximas eleições gerais em França.

O julgamento de Darnan está marcado para principiar em 3 de outubro próximo.—(U. P.).

Chegou o «Monchique» com o criado ferido em Ponta Delgada

Chegou hoje ao Tejo, procedente de Ponta Delgada, o petroleiro «Monchique», com um carregamento de combustíveis.

Neste navio, veio para Lisboa o criado Jaime Viegas, que foi ferido durante a cena de sangue que vitimou o cozinheiro Lourenço Magougo, assassinado a bordo, naquele porto, pelo paiolheiro Eduardo de Matos, conforme os jornais referiram.

Na véspera de cometer o crime, Eduardo de Matos, o agressor, que desempenhava as funções de paiolheiro, falou com o comandante do navio dizendo que queria desembarcar. O capitão não consentiu no desembarque.

No dia seguinte, e inesperadamente, o paiolheiro agrediu com uma choupa o criado Viegas, e em seguida dirigiu-se à cozinha e feriu mortalmente o cozinheiro Lourenço Magougo.

Tresloucado, Eduardo de Matos enterrou a choupa no seu próprio peito, e nessa atitude dirigiu-se ao comandante. Este tirou-lhe o ferro do peito, e acto contínuo, o agressor lançou-se à água, sendo salvo a custo pelos seus companheiros.

Sob prisão, Eduardo de Matos ficou, em estado grave, no hospital de Santo António de Ponta Delgada.

A tenção de Eduardo de Matos devia ser ficar na América do Norte, convencido de que o navio tinha aquele rumo. Daí, o seu desespero—originando uma tragédia.

Guilherme Pinto Basto

O sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto, conselheiro da Dinamarca, foi agraciado pelo rei Cristiano com o grande oficialato de Dannebrog, uma das mais altas condecorações dinamarquesas, pelos seus grandes serviços prestados àquele país.

ENGLISH BAR (Bar Inglês) Monte Estoril

Estrada Marginal, frente à estação
Telefone 413 Estoril
Bar Restaurante, Linda vista de Mar
ABERTO TODA A NOITE
Unico proprietario e gerente
«LUIZ» ex-barman do Estoril Palacio Hotel

5 mulheres que seguiam

morreram afogado por se ter afu

(Do nosso enviado especial)

SANTAREM, 19. (Pelo telefone)—Deu-se hoje no Tejo, perto desta cidade, uma tragédia que custou seis vidas e que veio pôr uma nota triste no quadro alegre das vindimas: cerca das 5 horas, ainda noite, próximo do Mouchão dos Burricos, de que é proprietário o sr. João Caldas, quando duas dezenas de pessoas se dirigiam para o trabalho das vindimas dos viti-vinicultores José e Joaquim Lico, no Vale de Santarém, enquanto muitas outras pessoas aguardavam, cantando e bailando, o momento da travessia, o barco que as transportava afundou-se, por ter rapidamente, começado a meter água, junto da maracha, á beira do rio, onde a profundidade é grande.

6 mortos e 13 sobreviventes

O desastre foi devido ao facto de a embarcação não ter capacidade para transportar tanta gente, nem condições mínimas de segurança.

Morreram logo afogadas Olinda Rosa, de 15 anos, filha de Maria Rosa, orfã de pai, natural do lugar da Estrada, concelho de Ancião; Julia Joaquina Gaspar, de 18 anos, filha de Maria Joaquina e de Joaquim Gaspar, natural de Almôster, concelho de Alvalázere; Maria da Conceição, de 18 anos, filha de Maria da Conceição, de 55, e de Manuel Rodrigues, de Santiago da Guarda, concelho de Ancião, que morreu abraçada á sua mãe, tendo os dois cadáveres sido retirados juntos; e Joaquim Abreu, de 9 anos, filho de Maria Marques e orfão de pai, da Aldeia da Serra, concelho de Alvalázere.

Misturaram-se os gritos e os cantares

A mãe deste pobre rapaz, por não ter conseguido lugar naquela viagem trágica, ficara com o resto do rancho que cantava e bailava. E, apesar da tragédia se estar a desenrolar a poucos metros de distancia, ninguém se apercebeu dela, porque o ruído das cantigas abafava o dos gritos dos naufragos!

Arminda Marques, de 18 anos, filha de Manuel Alves e orfã de mãe, residente no lugar de Pexins, concelho de Alvalázere, foi retirada ainda com vida, pelo guarda António Lázaro, da Casa Lico, que servia de barqueiro, mas faleceu pouco depois.

O mesmo salvou Maria Gonçalves, de 18 anos, Maria da Conceição, de 15, João Marques, o capataz do rancho, de 55, e a sua mulher, Maria José, de 50, Maria do Carmo, de 25, e Deolinda Tereza, de 35.

Os barqueiros-pescadores Joaquim

A língua russa no Reich

BERLIM, 19 — Ernst Handerman, pertencente á fiscalização das principais escolas situadas na zona da Alemanha ocupada pelos russos, declarou no jornal «Berliner Zeitung» que no quinto ano das escolas alemãs o estudo das linguas russa, inglesa e francesa seria obrigatório e que, nas escolas superiores, o da lingua russe seria obrigatório para servir os interesses da paz e do futuro da Alemanha e ainda para que o espirito e acultura da nação vizinha pudessem ter acesso na Alemanha.—(United Press).

Escola do Doutor J. R. DAS AMOREIRA

com a Direcção e Cor abriu as
Dão-se todas as informações

e 1 rapaz

para as vindimas
no Tejo
dado um barco

Patusco e seu filho, José Patusco, encontravam-se a cerca de 400 metros do local do desastre; mas o barulho das cantigas, por quarenta vozes, apagando o dos gritos, fez com que só tardiamente se apercebessem da tragédia.

Largaram, então, a toda a velocidade e conseguiram retirar, ainda com restos de vida, Herminia Joaquina Gaspar, de 25 anos, irmã da infeliz Julia Joaquina, que morreu.

Além daqueles barqueiros, trabalharam dedicadamente para socorrer os passageiros do barco Luiz Botas, Francisco Botas, Alfredo Fernandes e Manuel Mendes.

Auxiliou ainda os trabalhos de salvamento o guarda Manuel Francisco Guardiano, da casa do lavrador Luiz Correia.

Alguns dos sinistrados conseguiram salvar-se agarrando-se aos salgueiros. Foi o que sucedeu a Conceição Marques, de 30 anos, que, no meio de grande emoção, quasi sem poder conciliar ideias, nos descreveu os lances da terrível tragédia.

No sítio em que se deu o naufrágio, onde até às 14 horas não tinham comparecido as autoridades, esteve o medico sr. dr. Humberto Augusto Ferreira, mas a sua solicitude já poucos socorros pôde prestar, pois já haviam falecido duas das mulheres retiradas da água ainda com vida.

Tratava-se de um rancho de cerca de 80 pessoas, das muitas que costumam vir ao Ribatejo, por esta época, empregar-se nas vindimas, gente humilde que se desloca de terra em terra, quasi a aventura, em busca de trabalho.

O local onde se deu o desastre oferece um quadro difícil de descrever, pelo tom de tragédia e angústia que o envolve. Aqui e ali, no areal, alongam-se os cadáveres. Junto de um deles, uma pobre mãe chora a sua filha. De algumas das vítimas não há no sítio qualquer pessoa de família, mas não faltam os estranhos que choram as vítimas e acariciam os que puderam salvar-se.

OS SUICÍDIOS NO JAPÃO

TÓQUIO, 19.—Nas ultimas 24 horas registaram-se nesta capital mais 37 suicídios de oficiais do exército e da armada japonesa. Uns cometeram «hara-kiri», outros suicidaram-se com pistolas e houve ainda outros que ingeriram veneno.—(U. P.).

Damaskinos em Paris

LONDRES, 19.—O arcebispo Damaskinos, regente da Grécia, partiu hoje, de avião, para França. Visita Paris a convite do governo francês, devendo —(Reuter).

MENOR AFOGADO

BEJA, 19.—Joana Nogueira Baptista, residente na Mina de S. Domingos, foi lavar roupa á ribeira do Chança, em companhia de seu marido, João Baptista, e dum seu filho, de 8 anos, de nome José. Querendo lavar também a roupa que o filho levava vestida, a mãe despiu-o, deixando-o junto a um pego, a brincar. Quando, depois, o chamou para o vestir, deparou com o cadáver do filho a boiar no pego.

sé Maria Rodrigues
157 - Tel. 44846

Docente remodelados,
matrículas
pelo telefone e na Secretaria

Chega hoje a Lisboa

um quadrimotor americano
para as novas carreiras

Chega esta tarde á Portela de Sacavem um grande avião americano, um quadrimotor comercial, que está a efectuar um vôo de estudo para as projectadas rotas terrestres da Pan American Airways.

Trata-se do primeiro avião de rodas, que a Pan American utiliza no serviço transatlântico e vem pilotado pelo comandante Gray, que, em 1937, fez a primeira viagem experimental e, em 1939, inaugurou a carreira que aquela companhia estabeleceu com termo em Lisboa.

O avião, que é o «D-C-4»,—versão comercial dos «skymasters», tipo dos aparelhos militares do Air Transport Command, que têm passado quasi diariamente em Lisboa, com tropas americanas—deve seguir amanhã para os Estados Unidos, fazendo escala por Santa Maria e pelas Bermudas. Espera-se que, dentro de pouco tempo, sejam estabelecidas as carreiras diárias.

No aparelho viajam, além de funcionários superiores da Pan-American, alguns inspectores da Aeronautica Civil Americana, que superintende nas linhas aéreas comerciais.

Trata-se do primeiro avião comercial terrestre americano a chegar a Lisboa, após o termo das hostilidades, que é aguardado pelo embaixador dos Estados Unidos, dr. Herman Baruch; capitão Briggs, Albert Pierrot, adido de aviação civil; Rendueles e Rosapepe, adido e adjunto dos serviços de Imprensa; capitão David da Costa, do Secretariado da Aeronautica Civil; Carlos Bleck e pelos seguintes funcionários da Pan-American em Lisboa, srs. Henry T. Snowden, director; Lloyd Wilson, director dos serviços de tráfego; e Ed. Doyle, director dos serviços do aeroporto, além de muitos jornalistas nacionais e estrangeiros.

Com esta viagem, procura-se obter a experiência necessária para modernizar os serviços mantidos, nos ultimos seis anos, entre Nova York e Lisboa e Nova York e o Rio de Janeiro.

Desde a inauguração dos seus serviços com o nosso país, em 1939, os aparelhos da Pan-American conduziram 328 toneladas de correio despachado nos C. T. T. e 390 toneladas de carga diversa.

Começam amanhã

os exames liceais
da segunda época

Muitos estudantes não tiveram férias, ou pelo menos não as gozaram completas. Mas, na sua maioria, não ficaram aborrecidos por isso. E' que vale mais um pequeno sacrifício nos seus prazeres, do que perder um ano, com as respectivas e tristes consequências para eles e para os pais, sobretudo quando o ensino é tão caro e quando é indispensável preparar os filhos para a luta por uma vida onde nada se faz hoje sem um curso...

E' que uns deles estavam doentes quando da primeira época de exames, em julho, e outros —a maioria dos examinandos de agora—ficaram cortados numa disciplina. A estes há que juntar, por louvável iniciativa do sr. professor Caeiro da Mata, illustre ministro da Educação Nacional, aqueles que, além disso, haviam ficado cortados numa disciplina no ano anterior, e que necessitavam de fazer agora exame das duas, pois, de contrario, mesmo que fossem aprovados numa, perderiam um ano.

Uns e outros começam a fazer os seus exames decisivos amanhã de manhã.

Nos átrios de todos os liceus de Lisboa estão afixadas a ordem das provas e as pautas com os nomes dos alunos e das alunas a examinar.

No Liceu de Camões os exames de todos os ciclos começam ás 9 horas, não havendo segunda chamada; no Maria Amália Vaz de Carvalho, os trabalhos práticos de fisica e química do 2.º ciclo principiam ás 8 e 30, os cursos complementares e o 1.º ciclo ás 9, e o 2.º ciclo ás 14; no Pedro Nunes, os trabalhos práticos ás 8 e 30 e as provas escritas do 1.º ciclo e dos cursos complementares de ciências e de letras ás 9; no Passos Manuel, também ás 8 e 30; e na secção do Pedro Nunes da rua da Junqueira, ás 9 horas.

Quanto ao Liceu de D. Filipa de Lencastre, foi-nos dito que «não nos podiam dar qualquer informação»—o que estranhámos. E o Gil Vicente—não responde...

Os exames desta segunda época devem estar terminados no fim do mês, a fim de que os liceus possam reabrir com a maior brevidade, depois do feriado de 5 de outubro.

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

Prosseguiu hoje

o julgamento
de Kramer
chefe do campo
de concentração de Belsen

LUNEBURG, 19.—As galerias reservadas ao publico estavam hoje mais cheias do que nas audiências anteriores, mas, não havia espectadores fora do tribunal quando Kramer e outros acusados chegaram ali em carros armados, com escolta.

A audiência de hoje, abriu ás 10 horas, tendo o promotor de Justiça, coronel Blackhouse, ouvido novamente os testemunhos do brigadeiro Glyn Hughes, subdirector dos serviços médicos do exército de ocupação do Reno, o qual ontem descreveu as condições revoltantes do campo de Belsen, o assassinio a tiro dos prisioneiros por homens das «SS» e «a falta de vergonha» de Kramer, quando ambos deram uma volta ao campo, pouco depois da libertação.

Preguntado se algum dos internados do campo de Belsen tinha falecido em virtude do fogo feito pelas tropas britanicas, o brigadeiro Hughes respondeu: «Não». Seguidamente, o promotor de justiça perguntou ao brigadeiro: «Sabe se havia pessoas internadas no hospital em consequência de lhe terem batido?» Hughes respondeu: «Mostraram-me feridas no corpo de alguns internados», e continuou dizendo que o dr. Klein, um dos acusados, lh'etinha fornecido uma estatística de vários presos, que tinham sofrido de outras doenças. Não sabia se o dr. Klein tinha forjado, ele próprio, esses numeros. O facto do numero de casos cirurgicos, que lhe foram indicados, ser baixo, não é o resultado da sua própria observação, disse o brigadeiro Hughes. O promotor Blackhouse perguntou então se o numero dado ontem de 1.700 casos era correcto ou não seria verdadeiramente de 10.000 o numero dos casos cirurgicos. Hughes respondeu: «Sim, de cerca de 14.000 pessoas foram tratadas umas 3.500».

O brigadeiro Hughes continuou informando que o valor alimenticio das dietas que os internados do campo de Belsen estavam a receber era menos do que 800 calorias. O promotor perguntou: «Uma tal dieta seria suficiente para manter a vida durante um certo periodo de tempo?» Hughes disse: «Não».

O promotor continuou: «Seria inevitável a morte de qualquer pessoa sujeita a essa dieta durante algum tempo?» Hughes disse: «Sim». O promotor disse ainda: «Preguntaram ontem á testemunha também se os internados quando foram libertados tinham agredido os homens da «S. S.»; qual foi a attitude dos presos para esses homens?» Hughes afirmou: «Se alguém preguntase qualquer coisa, a um dos homens da «S. S.» em frente dos presos e apellesse para o testemunho deles, estes tinham naturalmente medo de responder». Solicitado para contar um caso desses, o brigadeiro Hughes disse «que quando ele estava discutindo outros assuntos com o dr. Klein, este disse que estava ali havia apenas dois dias, e tendo apelado para alguns presos do campo estes não quiseram responder. Logo, porém, que Klein se foi embora disseram que sim com a cabeça».

Recordando á testemunha que lhe tinha sido perguntado ontem se o ter estado muito tempo com fome poderia levar a perturbações mentais ou a alucinações e ideias fixas, o coronel Blackhouse, promotor de justiça, perguntou em seguida: «Poderia isso afectar as pessoas submetidas ao regime de fome, de modo a torná-las incapazes de contar com exactidão o que lhes succedeu?» A testemunha respondeu: «Só em casos extremos».—(R.).

Se passar por Samora Correia
VISITE A PENSÃO NAZARENO

EM 3 LINHAS

O saldo favorável do exercicio de 1944 na Companhia da Zambézia foi de 10.268 contos. A sociedade possui 584.201 palmeiras, fornecedoras de copra.

A proporção entre as reservas e as responsabilidades no Banco de Portugal subiu no ultimo periodo para 41,84 por cento.

A camara municipal de Leiria vai contrair um empréstimo de 2.502 contos, sendo 1.452 para liquidação de um empréstimo anterior, e o restante para melhoramentos vários, pavimentações e caminhos.

Para debelar a crise de trabalho no Algarve e no Alentejo foram concedidos novos subsídios, respectivamente, de 200 e 451 contos, que aproveitam a construção de estradas.

Na escola de composição da Imprensa Nacional—única oficial que existe no país—está aberto concurso para aprendizes. Como já há meio século, são exigidas certas habilitações literárias.

Nos mercados de Lisboa está a vender-se o tomate a 5 escudos o quilo. Em Coimbra—a 30 centavos!

A compra, por parte da Inglaterra, de dois milhões de caixas, a cem latas, de conservas portuguesas de peixe, não deve afectar, sensivelmente, o mercado interno.

Concluíram-se hoje os trabalhos de arranque dos andaimes que foram levantados para pintura do elevador de Santa Justa.

O comandante da P. S. P. visitou hoje Setúbal

SETUBAL, 19. (Pelo telefone)—Esteve hoje nesta cidade o comandante geral da P. S. P., sr. coronel Silvão Loureiro, que veio inaugurar diversos importantes melhoramentos na secção da cantina da P. S. P. desta cidade, tais como o refeitório para guardas e graduados, o posto médico e as novas instalações dos serviços de investigação. A chegada daquele oficial, prestou a guarda de honra uma força comandada pelo chefe Milho, a que o coronel Silvão Loureiro passou revista, depois do que, acompanhado pelo comandante distrital, capitão Oliveira Mata, se dirigiu á sede do comando, onde compareceram, também, os srs. governador civil, dr. Melo e Castro; presidente e vice-presidente da Camara Municipal, respectivamente, eng.º José de Ataíde Novais e Guilherme Faria; Juiz do Tribunal do Trabalho, dr. Eduardo Correia Guedes, e outras altas entidades e muitos funcionários.

Dali, os visitantes encaminharam-se para o novo edificio, onde foram apreciados os novos melhoramentos e onde o capitão Oliveira Mata pronunciou um discurso agradecendo a visita do comandante geral e o seu auxilio dispensado á obra. Por seu turno, o sr. coronel Silvão Loureiro agradeceu as referências que lhe foram dirigidas e elogiou a acção do comandante distrital, que considerou bom interprete do pensamento do comando. Por ultimo, o sr. governador civil agradeceu ao coronel Silvão Loureiro a sua visita a esta cidade e felicitou vivamente o capitão Oliveira Mata pela importante obra levada a efeito, que a todos deixou o melhor agrado.

O comandante geral da P. S. P. verificou a construção de uma camarata e duma barbearia.

Registadoras National

Usadas, no vosso interesse antes de comprar ou trocar, deve consultar a Sucursal da Fabrica—Rua Augusta, 146, Lisboa. Telef. 23920

A Simpatia É O Iman Da Vida

Seja simpático. Ofereça prendas da Grande Ourivesaria da Moda 257—Rua da Prata, (Esq. de Santa Justa)

IMPERIUM SALÃO CHA
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T27527

SUPERIORIDADE



POMPEIA

POMPEIA, a fragancia evocativa das mais belas mulheres da Roma dos Cesares!
 Pó de arroz POMPEIA: o ar atraente e encantador de juventude da mulher actual!
 Assim, a beleza de ontem e a beleza de hoje se fundem no mesmo ideal sublime.

L.T. PIVER



AS RUGAS

SÃO O PIOR INIMIGO DA SUA BELEZA

ELIMINE AS SUAS, USANDO OS
 PRODUTOS ELÉCTRICOS
MIRABILIA
 (LOÇÃO E CRÈME)



CHAPA DE FERRO

De 1.ª qualidade, em muito bom estado de conservação, própria para todas as aplicações e em variadas espessuras. Grande «stock» ao melhor preço do mercado. Vende a casa

ANTONIO DOS SANTOS E SILVA
 Avenida 24 de Julho, 172
 Telef. 61732 LISBOA

FUNERAIS

OS MELHORES SERVIÇOS
 OS MAIS BAIXOS PREÇOS
 Preferir a «SRA» é poupar muito dinheiro e ter a certeza de ser bem servido. Facilidades de pagamento para quem as deseje aproveitar
 Rua das Pedras Negras, 5, e/l.
 Telefones 2 7288—2 8584—4 2172

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU»
 Esmerado serviço de restaurante e esplendidos quartos e «apartamentos»

Recomendado pelos Automovel Club de Portugal, Club dos Médicos Portugueses, Club dos «100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.

Bau só existe um em Alcobaca e não tem sucursais

O «Lacerda» da Feira Popular

Participa aos seus numerosos e estimados clientes que o seu estabelecimento com os afamados bifes á cortadora reabriu ontem.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Vapor «CUBANGO»

Saída cêrca de 25 do corrente

com escala por Leixões para Luanda, Lobito, Mossamedes e Lourenço Marques, recebendo carga para outros portos com baldeação em Luanda e Lourenço Marques.

Lisboa: Rua do Comercio, 79 e 85—Telefones 2 3021 a 2 3026

Porto: Rua Infante D. Henrique, 73—Telefone 1434.

Colégio Luso-Francês

SEXO FEMININO—Telefone 53039 — R. Angelina Vidal, 46 (á Graça)

Cursos — Primário liceal—1.º ciclo e nocturno
 ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS



contraplacado
«SEVERO»

(MARCA DE CONFIANÇA)

A primeira fabricação em Portugal desde 1930 evoluindo sempre em perfeição e resistencia adaptando-se ás mais largas concepções da técnica moderna.

Fabricantes: Torrens & Marques Pinto, Ltd.^a

LISBOA, RUA VASCO DA GAMA, 33

Distribuidores no Norte: Rodrigo Ferreira & Filhos

PORTO, RUA MORGADO MATEUS, 310

REVENDEDORES EM TODO O PAIS

LAMINAS
NACET

«Lâminas
 boas e baratas»

A complicação habitual com as lâminas de preço económico é a falta de uniformidade — boas, más e sofríveis no mesmo pacote. As Lâminas Nacet, apesar de modestas no preço, são uniformemente boas — cada uma das lâminas do pacote dará a mesma satisfação, proporcionando muitas barbas bem feitas. Têm sido muito populares entre os possuidores de máquinas de três furos, devido ao que afirmamos.



75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

DINHEIRO
 EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos

R. Duque de Palmela, 11

á R. Alexandre Herculanio



BOAS CÉPAS
 FAZEM
 BOM VINHO!

Que boas cépas as Ramisco!

Sob a triplice influência da areia seca, do ar salino e da luz ardente, produzem cachos magníficos dos quais só os bagos mais perfeitos são aproveitados para o lagar.

Que cépas maravilhosas! E que vinho prodigioso é o

VINHO

DE

COLARES



OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 4.ª pag.)

arrebatado, ela era filha do senhor doutor Maldi, médico do Montepio. A diáspora era bem manifesta. De resto, eu queria principiar a ganhar dinheiro para os gastos da casa e fui oferecer-me na loja de merceria do senhor Le. mos.

Os anos passaram. Eu continuei caixeiro, — ela donzela. O meu pai vive arrastado por mór das colheitas ruins; o pai dela arranja fortuna com as epidemias e já comprou três prédios no sítio mais lindo da vila.

Nunca esperei. Cã no fundo, aquela do Anastácio, ficou-me. Uns olhos, uns cabelos, um sorriso de entenececer fantasmas em noite de neve no campo.

Maria Luisa! Que grande poema! Que magia! Mas vi que era impossível. Eu, afinal não passava dum caixeiro que piscava os olhos às raparigas belas e que vestia guarda-pó velho e rótico para avar manta de racionada. Ela... quando vestida de branco, com enfeites de fitas no cabelo, parecia uma rainha do Sabat.

E é por isto. Não me quero comparar... Disse aos pais com desatino: «—Não! E não! Não quero casar com ele!...» Os pais desgostosos a verem abalar um bom partido para a filha. Eu...

Nessa mesma semana, o Anastácio, o criado, procurando-me a entrada do cinema, disse-me, á queima-roupa:

«—Ela pergunta-me tantas vezes por ti! Tantas... Perguntou-me hoje quando é que tu tens uma loja...?»

—Ela? Ela?...

Que contraste... Os amores de infância às vezes vencem as volúveis fantasias da maioridade. Quando eu lhe carregava baldinhos de areia para fazermos casitas enfeitadas de flores na horta do seu quintal... Tempos...

—Ela?... prosseguiu eu, contemplando a cara do velho.

Ele começou a rir da minha pasmaceira, mordeu a ponta do cigarro, virou-me as costas e partiu.

Fiquei varado. Finalmente, ainda hoje havia criaturas bem extravagantes. O coração do homem só bate com violência quando alcança uma vitória inesperada. Mas eu fiquei quase interdito. Não sabia para que lado me voltar a pedir uma explicação. Entrei no cinema como um sonâmbulo, as pernas andando sem rumo, a cabeça sacudida por mil contentamentos. Lá fora estava uma noite muito fria. Eu abafava. A fita principiou e os meus olhos muito abertos perdidos nas legendas do fundo da sala silenciosa. E as palavras do velho a baterem-me ao alto do peito, perto das gúelhas secas.

Que interesse. Não tinha mais nada a perguntar a não ser «quando é que eu teria uma loja...». Para quê? Não podia estar assim. Sai do cinema. Passei a rua dela, como lóbo amansado. Escuro. Nenhum rumor a escandalizar o segredo dos meus passos. E as palavras do velho a contarem-me, na breve notícia: «Tens ali o prémio do teu amor. Não sejas tímido. Teras a teu lado a rainha da vila. Uma menina séria, filha de boas famílias, rica, modesta—de quem tu gostas...» E's um caixeiro, amanhã serás patrão. Irás ao estrangeiro, visitarás Londres, Paris, Constantinopla...

Ao fim da rua voltei para trás. Bambo. Prêso a um falso dilema. Reconsiderei. Uma saudade da infância, um palpite de amor. O velho dissera-me aquilo dum maneira tão vaga, tão rápida, tão manhosa que eu não pude acreditar bem... Possivelmente a menina não teria a intenção de me manifestar o elevado interesse que eu pensava. Quem sabe mesmo se toda a minha pessoa, os meus gestos desajeitados quando a via, o meu silêncio, o rubor das minhas faces, a não divertiam?...

Pois bem. Fui para casa. Deite-me. Acendi o candeeiro e, pela primeira vez, tive a pretensão audaciosa de ser escritor. Então escrevi uma carta que guardo avaramente no bolso do meu casaco de cotim. Tudo o que eu vi no cinema, tudo o que eu lera nos livros, figuras e factos, homens bons, homens maus, imagens elegantes de cidades, rios, catedrais, jardins, me fizeram acordar mais para a Natureza. Uma ternura fantástica para com toda a gente, um amor patético pelos pobrezinhos...

Não tinha inimigos naquele momento. Sentia-me feliz como os homens livres que bebem água nas fontes campestres sem medo que os guardas os importunem.

—Carlos! Apaga a luz!

Esta ordem fora dita pela voz rouca de meu pai. Pus o lápis em cima da banquinha de cabeceira. Amuado, apaguei a luz. Mas o sono não me perturbava ainda. O meu pensamento voava, límpido, para o futuro. Hoje ganhava quatrocentos escudos. Amanhã... seria o que fosse... Não, não queria... O comércio é ofício ingrato... O sr. Lemos enriquecera porque emfim... sempre se chamava Lemos. Eu não! Gostaria de estudar, de aprender história, geografia, visitar países, conhecer povos, ser professor e dar às crianças lindos conselhos humanos. A minha mãe a bramar:

—Deixa-te de livros! Os livros não dão de comer a ninguém... Era analfabeta. Não avaliava o prazer dum boa leitura. O meu pai, esse, não dizia nada. Ficava-se numa cisma, como arrependido de qualquer proeza. Às vezes, á noite, quando vinha da taberna do Venâncio, punha-se a murmurar:

—Eu devia-o ter mandado estudar, devia... E mais alto, com a voz que o vinho lhe inchava:

—Oh Ana! Eu devia ou não devia mandá-lo para a cidade?!

A minha mãe, estremunhada e medrosa, ciava sempre:

—Não sei...

Eu nunca fora inteligente. Mas eles julgavam-me superior a todos os rapazes da vila.

O meu pai, passado pouco tempo, calava-se e daí a pouco risonhava na cama. Só eu a aprender que a vida era uma coisa caricata, sem um fim de grande glória... O Anastácio talvez tivesse razão... Pronto!

Batem as sete da manhã no relógio de cuco que está em cima da cómoda do meu quarto. E eu muito fatigado, já com o sono a pesar-me na cabeça. Às nove tenho a loja. Uma canseira, senhores, caixeiro... Quem ligará a um fidalgo como eu, filho de lavradores arrebatados? O Anastácio é um mentiroso, um intrigante, um farçolão!

Maria Luisa! Que grande poema. Mas não podia ser. Que Mundo tão mal feito... Um caixeiro pode ter alma, sentir tudo que o rodeia, sofrer, ser bondoso, ser valente, que não passa dum caixeiro... E a filha bonita dum médico pode não ter nenhum desses predicados mas é sempre uma menina sadada para outros desejos.

Portanto... desisto!—A. DA S.

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

que eu não seja, não possa ser «cinéfilo»! Frisou-me o Graciano—Eu, enquanto vejo, estou iludido, enganado preso—é certo. Mas acabou por me cansar, por perceber que estou sendo logrado por uma série de artifícios, que não tenho a vida, imperfeita, incorrecta, mas por isso mesmo Vida—diante dos meus olhos. Da tela para mim não se estabelece aquela corrente que eu sinto que se estabelece entre o espectador e um grande actor, em carne e osso. A cena convence-me, a tela não... E' estranho que o sr. que faz peças de teatro pense o contrário. Depois a palavra domina o teatro. No cinema é apenas tolerada como uma notação da imagem. Por isso o Charlot que é um génio da tela, combateu sempre o cinema falado. E' que no «mudo» a inteligência do espectador tinha que trabalhar para completar as imagens. Era o mesmo trabalho complementar de imaginação que tem de fazer o leitor dum livro em que o autor pinta, apenas com palavras, um ambiente ou um cenário ou uma paisagem. Agora só nos pedem para abrir os olhos e os ouvidos e deixarmos-nos ir. Passo «ir»-mas acordo, esfrego os olhos e protesto. Diga-me, aconselhe-me... Eu quero tentar o teatro, é o teatro que me seduz... Tenho para lhe dar um esboço dum peça em três actos.

Eu apurei o ouvido, curioso e ele continuou: «...é filha dum banqueiro que se apaixonou...»

Eu interrompi, severo:

—Isso está tudo errado! Em primeiro lugar é imprudente tratar de banqueiros agora. Não tem lido nos jornais que se vai nacionalizar o Banco de Inglaterra? Em segundo lugar as filhas—famílias não se apaixonam. Isso era dantes. Não ponha lá isso que ninguém acredita.

—Mas há também uma mulher que atraiçoa o marido... insistiu ele—e num salão...

—Pelo amor de Deus—interrompi, truceito—não me venha com essas! São tudo velharias do tempo em que o indivíduo contava para alguma coisa e havia problemas psicológicos. Hoje em psicologia só é admissível a das multidões. O psiquismo individual está racionado—como os géneros alimentícios. Não há tempo para luxos. Problemas como o da Casa da Boneca, não interessam. Bonecas hoje só nas lojas de brinquedos. Sem remontar tão alto, ficando, por exemplo, no amável Bataille, das Virgens Loucas ou da Mulher Nua, pensa em tentar assuntos semelhantes? Mas, meu amigo, em matéria de Virgens Loucas, bastará reparar que há muitas loucas mas não é forçoso que sejam virgens. Podem muito bem ser viúvas!

Quando a Mulheres Nuas, dada a falta de vestidário que vai por esse mundo, receio bem que o assunto não interesse! A vida social cria a sua arte, o seu teatro! Uma vida social que se tem passado aos teatros, só o que pode dar de si é o cheiro a pólvora.

Pode o sr. meter um exército em cena? Pode fazer passar um segundo acto num campo de concentração? Pode fechar a peça com uma explosão de bomba atómica? Só lhe resta o teatro exótico.

Faça o Fausto. Todos os homens têm o seu Fausto lá dentro, não é só o Goethe. E' questão de deixá-lo cá para fora. Se o Presente não lhe dá assumtos, o Futuro ninguém sabe o que será, volte-se para o Passado! Rescreva a Orestia como o O'Neill que a serviu como a lagosta—com molho á americana e foi um sucesso! Bastará anunciar que o espectáculo é só para pessoas inteligentes e cultas e não lhe chegará o Coliseu. Cai lá o poder do mundo e pode já contar que eu também vou, nem que seja para a geral! Dir-me-á que já ninguém tem medo dos Deuses? Pois sim, mas substitua os deuses pela Polícia... No fundo de muitas consciências há o salutar receio de ir parar ao Toré—digo-lhe eu que ando há muito na Boa-Hora. E' tal como na tragédia clássica, quem também uma vez entrou no Limboeiro tem muitas probabilidades de acabar na Penitenciária e de ver os filhos nos reformatórios da Tutoria. Exactamente como na Orestia!

O Graciano olhava para mim de boca aberta e com um ar desolado. Eu tive pena e bati-lhe no ombro, incitando-o:

—A tragédia grega, a tragédia grega, é o filho a explorar! O «Domador de Sogras», por exemplo, passado em Atenas, diante do Partenon, era de arromba! Olhe lá: o meu amigo, não é de Melgaço...

—Pois sou—informou-me ele.

—Está o caso resolvido!—exclamei eu, entusiasmado—E' minhoto, não é verdade! Vista-me o Prometeu Libertado ou a Edipo á moda do Minho e vai ter um sucesso. Graciano! Que me diz ao Eschylo com uma orquestra de Zés-Pereiras!

Conto, depois desta conversa, ver esta época, a obra-prima de Graciano, jovem dramaturgo minhoto, nos palcos de Lisboa.

RAMADA CURTO

Com NIVEA ao ar e ao sol

Faça também assim: Enxugue-se bem e fricione-se com Creme ou Oleo Nivea, e poderá então expor-se ao sol sem receio das queimaduras. Nivea penetra profundamente na pele e dá um tom moreno de beleza natural que tanto se aprecia.



Crema NIVEA
PARA O CUIDADO DA PELE

Pestana, Branco & Fernandes, Lda.
39, Rua Sapateiros, Lisboa

COLEGIO FEMININO FRANCES
R. do Salitre, 62—Ensino Primário e Liceal—Telef. 43701

«MARIA DA LUA»

(Continuação da 4.ª pag.)

alma de solteira recalcada, de asas, amarradas ao corpo pela força da sua vontade, com um cérebro que tenta ser viril e cuja energia é a base da ordem que reina naquela casa, chegamos como uma recordação de beleza antiga, altaneira e, no entanto, quasi suave e idílica.

Neste romance, em que a cada passo se toca as nuvens em que, na companhia da alma de Maria da Lua, «côr de todas as coisas boas do mundo», viajamos constantemente a poesia de lembranças remotas, como é afinal tudo tão enternecedoramente real! Tudo tão maravilhoso e sempre o drama da orfandade e da adolescente flutuando entre o Céu e a Terra, magoando-se a cada instante na descoberta da Vida.

O Príncipe dos Ramos Verdes, Parte Nonhuma, todos os mistérios e todo o fantástico que não é, afinal, nem sobrenatural nem irreal, mas humano, só a espontaneidade de um escritor que vive o seu dia a dia de portas abertas para o sonho o poderia imaginar.

A acompanhar Maria da Lua encontramos,

em todo o livro, a Avó. E' essa figura que defende todas as Marias da Lua desacertadas, desconsoladas, áparte dos crescidos; todas as meninas que passam a infância e a adolescência a ignorar, a sonhar, a compor sobre a sua ignorância infinitos bem fáceis de limitar. Mas Marias da Lua constroem sempre, até na decifração da vida, a atmosfera permanentemente poética deste romance.

(Não é demais recordar que Fernanda de Castro é a autora de poemas que têm corrido mundo só pela riqueza do seu conteúdo).

De tal forma: Maria da Lua atravessa o romance carregada de espantos e interrogações, que ao fecharmos o livro ficamos a pensar: como será Maria da Lua mãe? Como será Maria da Lua no amor? O frémto que tão depressa roça as estrelas como se afunda nas perguntas eternas, penetra-nos com a força das grandes emoções e a quasi rudeza de uma ansiedade violenta.

E' curioso notar que toda a acção deste romance decorre dentro da mesma casa, povoada de reminiscências e perfeitamente portuguesa. Também ela conserva como que uma alma capaz de influir nos que se chegam a ela.

Fernanda de Castro não fez literatura social, não escolheu um caso apaixonante, não escreveu um romance por este ou aquele motivo. Fazendo a mais bela das confissões líricas, só nos deu figuras bem humanas de sentimentos e paixões.

Transcrevo uma pagina deste romance do patética suavidade: Fora á sobremesa de um almoço igual a todos que, pela primeira vez haviam sentido oscilar os alçerces da casa.

A avó, que até então se conservara lucida, apesar dos seus noventa anos passara a manhã a divagar, a trocar os nomes, a perguntar por uma prima que morrera havia trinta anos. Nesse dia, á sobremesa, depois de lhe terem servido a geleia quisera provar um alperche da quinta. Estendera a mão e apalpara, não os frutos, mas as rosas, escolhendo uma, a maior, a mais vermelha. Aterrados, os filhos, a mãe, os bisnetos, as criadas viram-na pôr a rosa no prato, levar á boca uma garfada de pétalas, e não ousaram fazer o gesto, dizer a palavra que a colocaria do outro lado da vida, na ante-câmara da morte. Sentiram no mais fundo de si próprios que principiara nesse momento a desagregar-se, a dissolver-se no humus do tempo, a raiz mãe que, durante quasi um século, alimentara com a sua robusta seiva as flores e os frutos de três gerações.

Fôra então que Maria da Lua se levantara e lhe dissera, com uma voz calma e sem timbre:

—Esse, não, avó, ainda não está maduro.

A avó olhara a rosa desfolhada e concordara:

—Tens razão, a fruta verde faz mal.

Maria da Lua voltara para o seu lugar, pálida, como se acabasse de ver um fantasma. Um silêncio pesado, cheio de coisas tristes. Um soluço abafado, sem lágrimas. Carolina trouxera o chá, o café, a infusão de tilia. O tio António pedira licença para fumar. E, um pouco mais tarde, Guilhermina levantara a mesa, como todos os dias.

Os dedos trémulos da velha senhora ficaram a espaços na imaginação, tacteando a rosa vermelha, levando á boca uma garfada de pétalas.

Guardo para o fim a referencia á figura que, entre todas as bem delineadas do livro, é para mim a mais dolorosa: a da mãe de Maria da Lua. Vivendo longe do marido, angustiada, saudosa, olhando do mirante os navios que entravam a barra no ansio da carta que sempre vinha.

A descrição do nascimento do irmão de Maria da Lua quasi nos sufoca de emoção. A sua caminhada para as verdades da Terra custam-lhe o sangue da sua alma, bem denramado e suado no frio da noite. Debrugam-se as sombras sobre os seus passos no corredor deserto; e os gritos de dor que a acordam, o embate da morte com a vida que presente sem explicar, são paginas verdadeiramente extraordinárias.

A temperar a agonia das suas expectativas, uma agonia não menos aflição na voz da mãe de Maria da Lua.

A mãe tinha o filho nos braços. Tinha o filho nos braços e o mundo era seu. Esquecera tudo, dava tudo por bem empregado. Que lhe importava agora a noite de agonia, se mais uma vez conseguira vencer a morte, se mais uma vez triunfara a vida? «Logo que amanhecer... telegrafo...». Fechou os olhos para não ver o quarto, as mulheres atarefadas em volta da cama e do berço e partiu ao encontro do marido com o filho nos braços. «Olha, meu amor, há-de ser bom como tu...».

Ao fechar-se o livro tem-se este pensamento: que fará, depois, Maria da Lua?

Sente-se assim ao acabar de ler um verdadeiro romance.—N. F.

Jóias — Pratas antigas

Comparamos sempre por bom preço

BARRETO & GONÇALVES, L.ª

AVALIADOR OFICIAL

17. Rua Eugénio dos Santos. 19

CORTADORA «BERKEL»

Modelo H absolutamente nova, vende-se

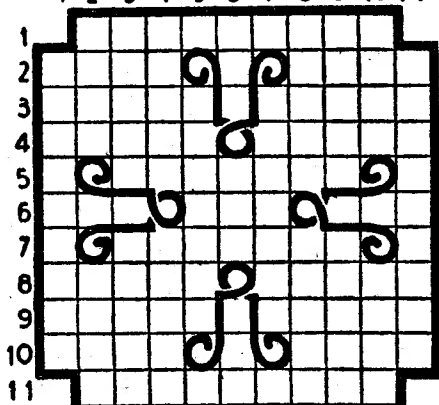
Agência Comercial, Sueca, Lda.

R. dos Anaqueiros, 250-2.ª-E.—Tel. 20353

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1.088

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS—1—Amachuca. 2—Levantam. Pertenciam. 3—Reparas em. Fruto da cidade. 4—Raivoso. Benefício resultante de combo (pl.). 5—Pessoas a quem falta um braço. 6—Passado. Nome de mulher. Emprego. 7—Cidade de Espanha, na Castela Velha. 8—Lavrava. Estupido. 9—Fazer depoimento. Amora-vel. 10—Prender-se com as gavinhas. Vais para fora. 11—Organizara.

VERTICAIS—1—Aversão. 2—Ave de rapina. Torna a ler. 3—Tiram a vida. Paul. 4—Estima-da. Cidade-museu, do Alto Alentejo. 5—Subtrair. 6—Criminoso. Eternidade. Rezo. 7—Pesquisava. 8—Especie de cesto. Incólume. 9—Estratagemas. Despachar. 10—Pouco vulgar. Actua-va. 11—Prisões subterrâneas.

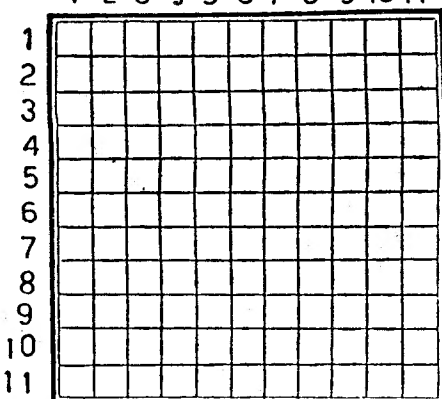
SOLUÇÃO DO PROBLEMA 1.087

HORIZONTAIS—1—Atam. Divagar. 2—La-bor. Marota. 3—Grafiá. Eis. 4—Ad. Aura. Atro. 5—Reu. Chá. 6—Vi. Encerre. Tô. 7—Ele. Sob. 8—Três. Fios. Ir. 9—len Acor.ri. 10 Ricaca. Avião. 11—Esófago. Amos.

VERTICAIS—1—Algarve. Tire. 2—Tardei. Ereis. 3—Aba. Elenco. 4—Mofa. Unes. dF. 5—Riu. Iça. 6—Im. Arrelia. Ag. 7—Vai. Oca. 8—Ar. Acre. Sova. 9—Goethe. Rim. 10—Atira. Toirão. 11—Raso. Sóbrios.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 154

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Aldeia da Judeia onde Cristo apareceu pela primeira vez aos seus discípulos depois da ressurreição. Saram. 2—Ordem religiosa que entrou em Portugal com o conde D. Henrique. Habito. 3—Olé. Maior. Motejar. 4—Preposição e artigo. Encobres. Senhor. 5—Tristeza. Ale. 6—Brado. Estimular. 7—Resiste. Partidas. 8—Levante. Malignos. 9—Certa. Dado. Em a. 10—Pronome pessoal. Amofine. Preposição e artigo (pl.). 11—De preferência. Salgada.

VERTICAIS: 1—Soar. Fluxão de humores. 2—Uma das ilhas Cidades onde apareceu a mais celebre estatua de Venus. Rudimento um novo ser. 3—Péga. Maldição. 4—Antigo nome da nota musical dó. Várzea. Pôpa. 5—Germe. Sádias. 6—Parte mais grossa da farinha. Doçura. 7—Chefe abissínio. Pequenos barcos de recreio. 8—Algarismo. Matilha de cães correndo. 9—Grande quantidade. Intimas. O mais. 10—Esquivas. Pronome pessoal. 11—Falecer. Moradia.

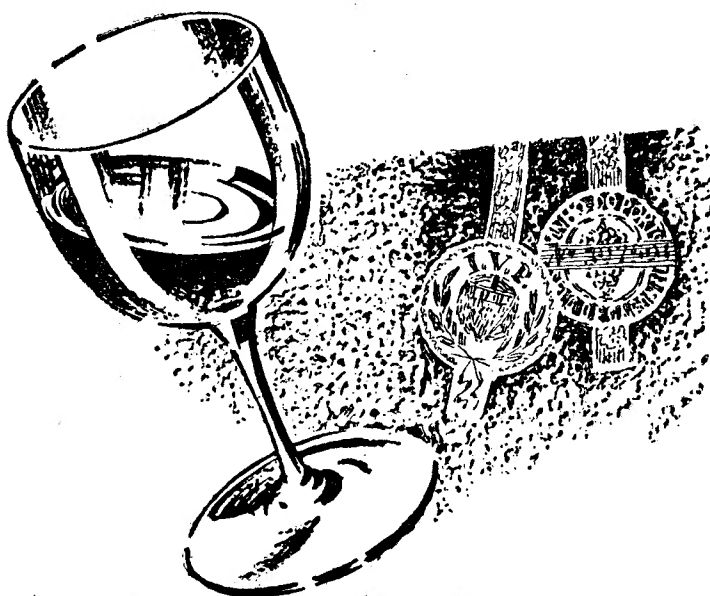
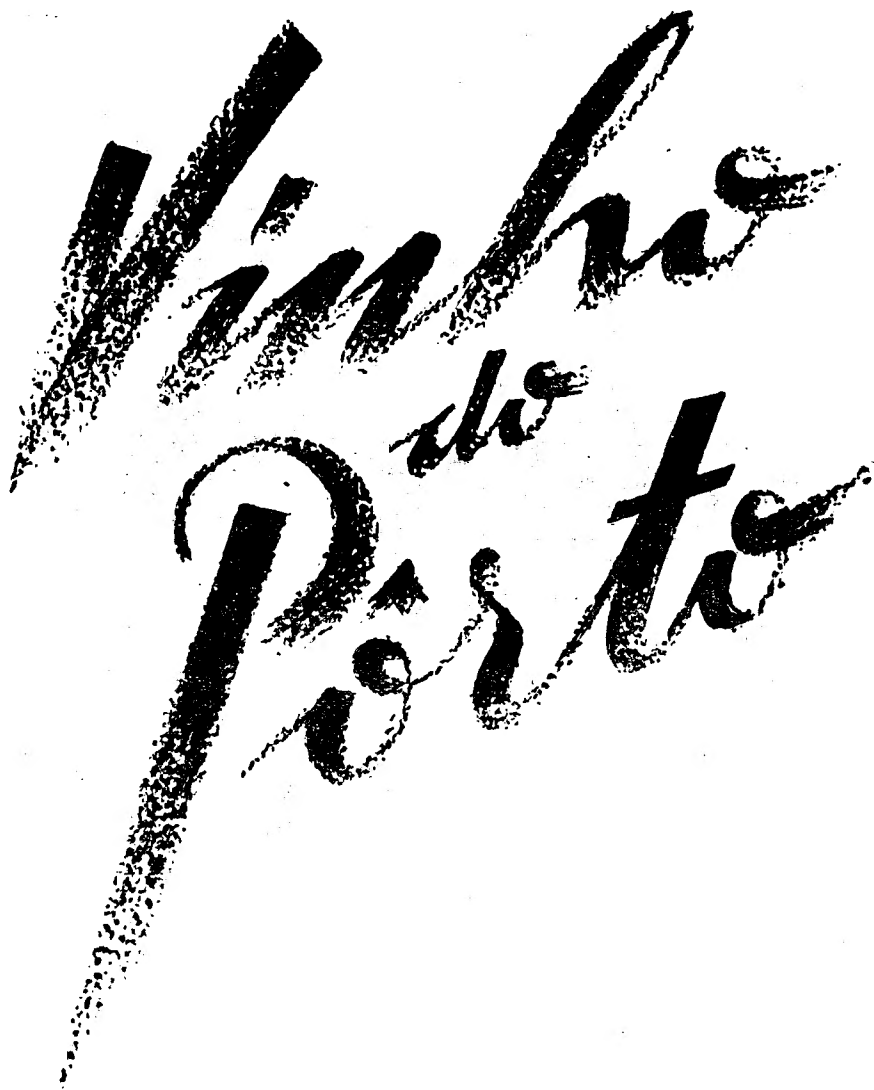
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 153

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS, vias urinarias—Venero—Sifilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, às 15 horas
Telefone 2 9062



Competência para o cargo



É muito engraçada a página de Francisco Valença no «Sempre Fixe» de hoje que publica uma espirituosa página gráfica de «Ecos da semana», de Botelho, desenhos de Stuart Carvalhais, Octávio Sérgio, Norton, Pargana, Elias, Nunes da Silva e Ramos Ribeiro, e excelente colaboração, em prosa e em verso, dos nossos melhores humoristas.

Numero avulso: \$50. Assinaturas: rua da Rosa, 57, 2.º. (Telefones 20271, 20272 e 20273).

NOTÍCIAS DE COIMBRA

Violento incêndio

COIMBRA, 19—(Pelo telefone).—No lugar de S. Pedro, freguesia de Castelo Viegas, um violento incêndio reduziu, esta manhã, a cinzas a casa de habitação do sr. Manuel dos Santos Condeixa. Foi também devorado pelas chamas um curral, onde ficaram mortos uma vaca e alguns suínos. O fogo foi extinto pelos bombeiros municipais desta cidade.

Mordido por uma víbora

Em Grou, concelho de Leiria, foi mordido por uma víbora, quando andava a cortar mato, o trabalhador João Grilo, de 51 anos. Foi conduzido aos hospitais da Universidade.

O governador civil

vai no domingo a Oeiras

No próximo domingo, o sr. governador civil de Lisboa, visitará o Sanatório Ana Val do Rio, mantido pela Junção do Bem, em Oeiras.

Para a sessão que, então, se realizará, foram convidados o sr. administrador do concelho, capitão Manuel Coentro, presidente da C. M. de Oeiras, comissão central das juntas de freguesia de Lisboa e um representante de cada uma das juntas de freguesia da capital.

A Junção do Bem, que foi fundada há 30 anos, mantém, na sua colónia balnear, grupos de crianças que beneficiam de 30 dias de praia.

Prisão de gatinhos

perto de Beja

BEJA, 19.—Na freguesia de Santa Clara-a-Velha, no concelho de Odemira, foram presos José Custodio, o «Granadas», solteiro, de 43 anos, natural do Cercal do Alentejo; e António Francisco, de 26 anos, de S. Bartolomeu de Messines. Ao primeiro, que saíra dias antes das cadeias civis, foi apreendido um jumento que confessou ter roubado e, ao segundo, foram encontradas chaves de que se serviu para praticar assaltos em várias residências particulares.

DESASTRE GRAVE

em bicicleta

PERO PINHEIRO, 19, (Pelo telefone).—Deu-se hoje nesta localidade um desastre que impressionou vivamente a população. Quando passava de bicicleta pela estrada, a sr.ª D. Isabel de Assunção Duarte, aqui residente, caiu por um precipício com muitos metros de altura. Um cão, do qual aquela senhora tentava libertar-se, foi a causa do desastre. A vítima foi tratada pelo dr. José Mateus, que verificou fractura do crânio, recolhendo depois D. Isabel Duarte, em estado muito grave, ao hospital de S. José.

João de Sousa
FALECEU

Seus irmãos e tios cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da rua Bartolomeu Dias, 67, 2.º, Esq.º. para o cemitério da Ajuda.

BAPTISTA de (Alcantara)

AERONÁUTICA CIVIL

O director do Secretariado da Aeronáutica Civil, sr. tenente-coronel Humberto Delgado, conferenciou com o sr. Stanton, subchefe da direcção da Aviação Civil dos Estados Unidos da América, que seguiu de avião para o seu país. Apresentaram-lhe despedidas os srs. tenente-coronel Humberto Delgado e Pierrot, adido civil do ar junto da embaixada americana.

—Em visita ao norte do país, para preparação da abertura do aeródromo das Pedras Rubras (Pórtio) e inspecção dos pequenos campos de aviação recentemente cedidos pelo Ministério da Guerra ao Secretariado da Aeronáutica Civil, partiu hoje, de avião, o director daquele organismo, sr. tenente-coronel Humberto Delgado. Foi acompanhado pelo tecnico de voo sem motor sr. António Quartim.

UM HOMEM MORTO

por uma trágica brincadeira

BEJA, 19.—No monte Lobregas, pertencente ao lavrador João António Baptista Cruz Junior, residente nesta cidade, trabalhava o menor Jacinto Farinha, de 12 anos. O menor, vendo a sua mãe uma espingarda caçadeira, teve a ideia de lhe pegar e apontá-la, de brincadeira, contra Eduardo Francisco Tripiñhas, também ali trabalhador, dizendo-lhe, a rir, que o «já matar». No entanto, a imperícia do menor converteu a brincadeira em tragédia, pois a arma disparou-se e atingiu o Eduardo no baixo ventre, prostrando-o. Conduzido ao hospital, o infeliz faleceu pouco depois.

ADELINA ABRANCHES

A ilustre actriz Adelina Abranches, que na madrugada passada sofreu um ataque de paralisia, devido a hemorragia cerebral, ficando em estado muito grave, acusou hoje, durante o dia, algumas melhoras. O seu médico assistente, sr. dr. Costa Nery, não desespéra de salvar a grande comediante, desta crise aguda, a despeito de o estado geral ser muito contingente. A casa de sua filha, a actriz Aura Abranches, onde a doente se encontra, têm ido muitas pessoas informar-se do estado da insigne actriz.

MORTE SUBITA

SETUBAL, 19.—(Pelo telefone)—Vítima de uma congestão cerebral, quando se encontrava sentado num banco, na avenida Todí, faleceu ontem, cerca da meia noite, o aferidor da Camara Municipal, Mario Augusto dos Santos Ferreira, de 55 anos, natural desta cidade. O funeral sai amanhã, ás 10 horas, da capela de N. S. do Socorro.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Eletuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 I. 10	990\$	990\$	991\$
Consolidado 3 % I. 10	1.023\$	1.022\$	1.024\$
Consolidado 3 1/2 I. 10	1.055\$	1.055\$	1.058\$
Consolidado 3 3/4 I. 10	1.019\$	1.019\$	—
Centenários 4 %	2.497\$	2.495\$	2.497\$
Obrigs. I. 2 1/2 1942	—	1.002\$	1.007\$
Obrigs. I. 2 1/2 1943	999\$	999\$	1.000\$
Externas 1.ª série	—	1.845\$	1.850\$
Externas 1.ª carimbadas	—	1.800\$	1.815\$
Externas 3.ª série	—	1.940\$	—
Externas 3.ª carimbadas	1.800\$	1.795\$	1.820\$
Caut. da 3.ª série s/juro	—	291\$	293\$
Ações			
Esp. St.ª e Com. L.ª port.	—	2.560\$	2.580\$
Lisboa e Açores por...	1.005\$	1.000\$	1.010\$
Ultramarino op. I. p...	640\$	640\$	642\$
Portugal port I. p...	—	—	1.680\$
Mundial ...	1.600\$	1.595\$	1.600\$
Agua Lisboa 1934 I. p...	—	225\$	230\$
Cervejas Estrela ...	1.858\$	1.857\$	1.860\$
Cimentos Tejo ...	590\$	588\$	590\$
Cimentos Leiria I. p...	1.320\$	1.320\$	1.330\$
Crédito Predial port...	31\$	31\$	31\$
Gás e Electricidade cup...	356\$	356\$	356\$
Alto Alentejo cupão...	608\$	607\$	608\$
Industrial Aliança ...	—	423\$	430\$
Portugal e Colonias ...	359\$	358\$	359\$
Nacional Naveg I. p...	1.056\$	1.056\$	1.057\$
Colonial Navegação ...	1.355\$	1.350\$	1.360\$
Port.ª de Pesca I. P...	—	930\$	950\$
Port.ª de Tabacos cupão	644\$	643\$	644\$
Tabacos Portugal cupão	—	750\$	—
União Eléctrica Port.ª	715\$	714\$	716\$
Casseque ...	1.133\$	1.133\$	1.134\$
Agricultura das Neves ...	810\$	808\$	812\$
Agricultura Colonial ...	508\$	506\$	509\$
Açúcar de Angola ...	1.968\$	1.968\$	1.969\$
Buzi ...	214\$	213\$	214\$
Ilha do Principe ...	—	—	699\$
Zambézia I. de 25 ...	124\$	123\$	124\$
Obrigações			
Agua Lisboa 5 %	—	—	543\$
Norte de Portugal 5%	—	114\$	115\$
C. P. 6 %	290\$	288\$	290\$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	303\$	305\$

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF 25482 RUA DA PRAIA 48

BROOKLAX

CHOCOLATE LAXATIVO

Chegou a 1.ª remessa e está á venda nas Farmácias. Depositário exclusivo: Raul Vieira, Ld.ª.

Rua da Prata, 51-3.º

O duelo Cristóvão Aires-Monteiro Torres

(Continuação da 1.ª pag.)

cia, outro subia, conforme as circunstâncias da nossa acidentada vida política.

Evitavam-se? Não! Fingiam que não se conheciam apesar de nesta Lisboa, a «grande aldeia», como lhe chamou Junot, todos nos conhecermos, quanto mais não seja de banal cumprimento. Mas era melhor assim! Ha fragilidades superfluas que, ao cair, se estilhaçam como o monoculo dos dois bravos oficiais, a um encontro mais rude da vida, como foi o seu.

O tenente de cavalaria, valente como as armas, nunca se detinha. Marchava em linha recta, atraído pela volúpia do perigo. Se havia um obstáculo, não o escalava, saltava-o; se encontrava um charco de lama, chapinhava as polainas reluzentes, mas não se afastava um milímetro. Cristóvão Aires era mais ductil, mais maleável. A convivência literária, o ambiente elegante dos «cerceles», mesmo a qualidade de jornalista, como que corrigiam a dureza do militar.

Governava, então, Pimenta de Castro, em ditadura, e Monteiro Torres partidário acérrimo da nossa intervenção na guerra partira para a Grã-Bretanha com o objectivo de se alistar na aviação nascente. Já não lhe chegava a terra demasiadamente estreita e, talvez, intolerante. Queria as asas de ouro do belo cavaleiro!

O seu magnifico baio de combate ficava em Portugal, sopado pelas redeas, escarvando, impaciente o solo. Trocava-o por uma daquelas frágeis e inverosímeis carlingas de lona e zinco, nas quais Guynemer atirava ao inimigo ainda com uma espingarda, quebrando-lhe no espaço imenso a trajectória, para depois fulminado pela morte, subir muito alto, como as aves atingidas na espinha até, finalmente, se despeñar, como um archote a arder, nas trincheiras empapadas de sangue e de lama.

O movimento de 14 de maio trouxe para Portugal o moço avião que foi escolhido pelo então, ministro da Guerra para chefe do seu gabinete. Vinha mais voluntarioso. O exílio deralhe uma aura de sacrificio. Destacava-se, na multidão, alto e apumado, com qualquer coisa de aligeiro como só o tem os homens alados. Viamo-lo sempre embulhado na sua pelica de

astrakan, cortante ao primeiro contacto, escondendo sob uma máscara vincada de orgulho o que havia na sua alma de sonho casto, de aventura heroica.

Cristóvão Aires, que até ali fôra pela neutralidade, não se desmentiu mesmo quando o movimento da participação de Portugal na guerra, ganhou uma avassaladora amplitude. Era, talvez, perigosa essa atitude, mas ele manteve-a não fugindo ás responsabilidades contraias. Apontado a dedo fazia a sua vida habitual de professor no Colégio Militar e na Imprensa, porte altivo, cara descoberta, sobreceiro ás críticas, se não mesmo ás ameaças.

Suscitou-se, então, um incidente curioso que provocou o choque entre os dois companheiros de armas. Certo dia foi preso o tenente Veloso, monárquico convicto, que mais tarde comandou a Guarda Republicana, indo sozinho para Monsanto, combater, não querendo arrastar consigo os seus esquadrões que, porventura, teriam decidido nessa ocasião, da contenda.

Qual o motivo da detenção de Veloso? Certamente, tratava-se de um acto imposto pelas circunstâncias. Tanto Cristóvão Aires, como Oscar Monteiro Torres, eram seus amigos. Camaradagem de escola, raízes que ficam agarradas por muito tempo, ou para sempre, na vida afectiva, e que não se arrancam, ou se quebram, sem uma dramática angustia moral.

Oscar Monteiro Torres, na sua qualidade de secretário do ministro da Guerra, teria garantido que Veloso, naturalmente fugitivo, podia apresentar-se ás autoridades militares, que não seria preso.

Quando o oficial entrou na Trafaria, onde esteve, afinal, apenas três dias, houve quem, evocando o nome de Cristóvão Aires afirmasse que o aviador empenhara nessa promessa a sua palavra de honra. Surgiram ainda outros elementos que agravaram o conflito. Deve, porém, dizer-se que Cristóvão Aires nunca confirmou o que lhe era atribuído.

As actas das pendências são extensas. Nelas estão apenas varias cartas que corroboram as afirmações de cada um dos contendores. Silveira Ramos, Joaquim Leitão, Herculano Nunes, Hermano Neves e Eduardo de Almeida testemunham pró e contra, a pedido ou espontaneamente, de tal maneira que é difícil determinar o

grau de razão que assistia aos duelistas. Não foi fácil também a tarefa das testemunhas.

Emquanto Alvaro Pope e Veiga Ventura exigiam para Monteiro Torres o papel de atendido; Silveira Ramos e Antonio Horta Osorio faziam o mesmo para o seu constituinte. Não se tratava de obter quaisquer vantagens, no campo da honra, visto os militares se baterem, exclusivamente, ao sabre, mas por uma questão moral, antecipando as consequências de um embate, que todos receavam. E que cada um representava nessa hora agitada da vida racional, um partido e, sobretudo definia uma atitude na política da guerra. Oscar Monteiro Torres abertamente intervencionista; Cristóvão Aires, como alguns monárquicos e mesmo republicanos, partidário da neutralidade. Com o primeiro, quasi tudo, com o segundo, muito poucos. As testemunhas citavam os tratadistas para atribuir a qualidade de ofendido aos seus constituintes. Argumentava-se com a «Arte do Duelo», de Tavernier, para dizer «se a uma simples ofensa se responde com uma injúria, atacando a honra e a consideração, o ofendido é o que foi gravemente injuriado. E como isto não bastasse, reeditava-se a autorizada opinião de Croabbon: «se as duas ofensas são do mesmo grau, o atingido é quem primeiro a recebe». Toda esta especiosa argumentação tinha por causa, uma carta enviada meses antes, de Londres, por Oscar Monteiro Torres, e publicada no «Mundo» com o título «Nas costas da Inglaterra», que Cristóvão Aires só era nas vésperas do duelo, e na qual julgava ver uma alusão directa. Não era crível, mas a sua susceptibilidade, como ferro em brasa, queimava logo os dedos que a tocassem, o que era natural.

A opinião publica estava suspensa. Viviam-se numa época ardente. O 14 de maio era recentissimo, um mês escasso.

O encontro deu-se na estrada da Ameixoeira precisamente, ás 18 e 30, de 16 de junho de 1915. Entre os taludes, da estrada, de pequena altura, viam-se centenas de populares que, se sentaram, no restolho amarelado da primeira ceifa, comodamente, cruzando as pernas, as mãos em pala sobre os olhos, para que a ardença do sol, ou o brilho das espadas não lhes encandeassem a vista. Ao largo da carreira onde estavam, apenas, os protagonistas do combate, haviam parado sessenta e três automóveis, cifra enorme para a época, mas que caracteriza bem o flagrante da dramática actualidade. Eram directores do combate, alternadamente, Horta Osorio e Veiga Ventura, isto é, uma testemunha de cada lado, o que não deixa de ser bizarro, se é que não significa temerem os dois adversários, um prelo cortado de incidentes.

Oscar Monteiro Torres, alto e fino como um obelisco, envergava uma «équipe» branca de «sportman». Cristóvão Aires, trigueiro, atarracado, voluntarioso, apresentou-se, trivialmente, levando até as calças de passeio. Mesmo na sua frente, os fotografos disparavam as máquinas, enquanto o adversário, braço agudo, lhe lançava as primeiras cuteladas, a tactear-lhe a força, a medir-lhe o impulso, a avaliar-lhe a tecnica. Nos dois minutos do primeiro assalto como que mediram as forças. Cristóvão Aires em guarda, estudando também o antagonista, o braço estendido (não querendo romper o ataque, o que sempre dá vantagens. Nada resultou. A multidão torturava-se. Friamente, serenamente, os dois homens voltaram a ensarilhar as laminas. Eles não perdiam a cabeça. Um, todavia, no terceiro minuto da luta, teve uma reacção de nervosismo, o suficiente para o adversário perceber que havia chegado o momento de abandonar aquele jogo supostamente frouxo, metódico, de lamina estendida. Foi Cristóvão Aires que, crispado de monotonia, com a furia de um «sabeur», se atirou ao «inimigo» num ataque impetuoso.

O vertice da lamina, tocou-lhe no pulso, fazendo uma ligeira escoriação. Logo, na multidão, correu um rumor, como um remoinho de vento que, na sua espiral, levantasse um nuvem de pó. Coisa de nada, mas perceptível á sensibilidade excruciada dos homens que, a peito descoberto, se afrontavam de armas na mão. Ao terceiro assalto, Cristóvão Aires foi, novamente, atingido no braço, superficialmente. Era evidente, Oscar Monteiro Torres jogava melhor, ou com mais cautela, não se deixando enervar, num ritmo propositalmente lento e frio. O temperamento de Cristóvão Aires é que não lhe consentia semelhante contróle. Atirava-se e recuava, procurando ferir, sem se prender no sabre do antagonista.

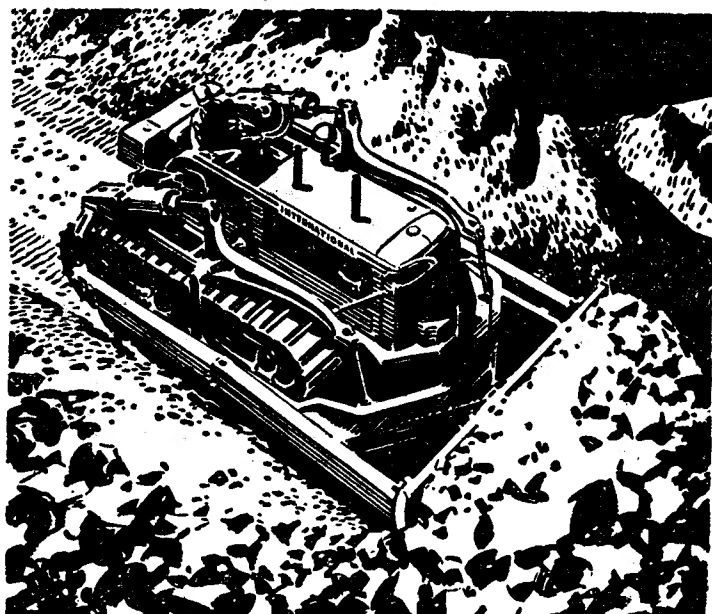
Oito minutos de combate. Carlos Gonçalves fala agora com os directores do combate. Está ali como testemunha, meramente, espectacular. Deve ter preparado um dos duelistas, mas agora o momento já não é de conselhos. Na sala de armas desenha-se uma coisa; em campo aberto, outra, totalmente diferente, comandada por circunstancias imprevisíveis.

Enfim, no segundo minuto, do sétimo assalto, o sabre de Oscar Monteiro Torres corta numa ferida de seis centímetros o antebraço do antagonista. Os medicos suspendem o combate. Já correr o sangue—aquele que deixa a honra imaculada. A multidão abandona calada o local. Compreendeu a grandeza do lance, e agora envolve aqueles dois homens na mesma acri e violenta simpatia. A sua bravura conquistou-a, empolgou-a, e agora não distingue... Mais tarde vê-los-á, em França, um, piloto temerario, num inferno de metralha, como as aguias, que saltando do alto das montanhas, fitam o sol, para melhor vencer e morrer; o outro, na lama das trincheiras, cabeça alterosa, acima do parapeto, sentinela resoluta e sombria na terra de ninguém, guardando a bandeira de Portugal!

Irmãos de armas, os dois!—A. P.

A população de Berlim

BERLIM, 19.—Segundo as estatísticas agora feitas nesta cidade, verifica-se que há o dobro de mulheres em relação aos homens.—(United Press).



TRACTORES INTERNATIONAL

Fôrça móvel para TUDO

As estradas são de importância vital para os transportes modernos... e aos TRACTORES «INTERNATIONAL» cabe uma parte importante no desenvolvimento de estradas públicas em todo o Mundo. Trabalhando sob desfavoráveis condições de actuação, os Diesel «INTERNATIONAL» têm provado a sua eficácia na construção de estradas militares e para o tempo de paz. Levantam wagons até 14 metros; talham subidas e descidas de caminho; aplanam e cortam margens com lâminas próprias para empurrar terras; puxam grandes escarificadores e desempenham uma grande quantidade de outros trabalhos pesados.



INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building Chicago 1, U. S. A.

Distribuidores em Portugal:

FASSIO, LIMITADA

20 - Rua Jardim do Regedor, 32 - Lisboa

TRACTORES «INTERNATIONAL» - Construídos pela International Harvester, uma firma que tem mais de 110 anos de experiência de engenharia e manufactura.

INTERNATIONAL HARVESTER

CONCURSO DE FUTEBOL

Para a 1.ª e 2.ª Divisão (Campeonatos Nacionais)

Desportistas! Saiu hoje o n.º 26 da «Nature», unica revista mensal naturo-desportiva que se publica no país. Leiam neste numero o regulamento deste Concurso, cujos prémios são valiosos. Avulso 2\$00. Assinat. (semestre 12\$00) na Rua Barros Queiroz, 9.

Malograram-se os trabalhos da conferência de Londres —segundo anunciam hoje os jornais ingleses

LONDRES, 19.—Bidault, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, teve uma importante conferência com Bevin e James Byrnes, respectivamente ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, sobre o problema da fronteira italo-jugoslava.

Sabe-se, de fonte autorizada que os representantes da Grã-Bretanha, Estados Unidos e França, no referido conselho, discordam em absoluto o ponto de vista apresentado por Molotov.—(United Press).

A gravidade da situação

LONDRES, 19.—Os jornais desta manhã são unânimes em declarar que o conselho dos ministros dos Negócios Estrangeiros, reunido em Londres, não está a fazer progressos favoráveis.

O «Daily Express», diz: «Verifica-se com bastante pesar que estão a correr mal as reuniões do conselho dos ministros dos Negócios Estrangeiros e que surgiram já tais dificuldades que parece ser quase impossível chegar-se a qualquer acordo. A impressão dominante nos círculos políticos bem informados é de que as reuniões do conselho estão já de antemão condenadas».

O «Daily Mirror» afirma: «Durante as reuniões não houve qualquer sinal de entendimento que possa conduzir

A hostilidade dos alemães

às forças de ocupação

QUARTEL GENERAL BRITANICO NA ALEMANHA, 19.—As autoridades britânicas informam que a juventude alemã está a demonstrar o maior desrespeito pelas forças aliadas de ocupação, atirando pedras aos automóveis e outros veículos.

O quartel general britânico declara que, de futuro, serão rigorosamente castigados todos os jovens alemães que atirem pedras aos automóveis que transportem militares ingleses ou aliados. Os condutores dos automóveis foram autorizados a parar os veículos e a castigar com dureza os jovens alemães, além do procedimento criminal que será instaurado contra os mesmos, cuja responsabilidade cairá, também, sobre os pais ou outros familiares.—(U. P.).

Um vôo de 16.000 kms.

do Japão a Washington

WASHINGTON, 19.—O Ministério da Guerra anunciou que três fortalezas voadoras partiram do Japão tentando fazer um vôo directo para Washington—um percurso de cerca de 16.000 quilómetros. Cada um dos aviões traz a bordo 11 aviadores. Levantaram vôo do aeródromo de Mitzutami, no sul de Hokkaido, às 2 horas gmt. de ontem, e são hoje esperados em Washington. Calcula-se que a viagem deve durar 25 a 26 horas. As autoridades militares não anunciaram a experiência enquanto os aviões não estabeleceram contacto pela rádio com as bases das ilhas Aleutas.—(R.).

O ouro japonês

LOS ANGELES, 19.—Edwin W. Pauley, membro americano da Comissão de Reparações Aliada, declarou hoje que será confiscado o ouro japonês, calculado em 2.000 milhões de dólares, segundo a política de reparações, que será «bastante dura para o Japão». Pauley, que parte em breve para o Japão, acrescentou: «Removeremos tudo o que tenha valor militar».—(R.).

a qualquer sucesso. Tudo indica, claramente, que a acção do referido conselho fracassou por completo.

Finalmente o «Daily Herald» diz: «Repetimos com a maior calma a nossa convicção de que a situação internacional, mais do que alarmante, se transformou agora em desesperança».—(United Press).

O futuro de Trieste

LONDRES, 19.—Em artigo de fundo, o «Times» manifesta hoje a opinião de que a internacionalização do porto de Trieste é provavelmente a única solução possível nas actuais circunstâncias. O jornal diz: «Qualquer que seja o futuro de Trieste, a sua prosperidade como porto não interessa apenas à Itália e à Jugoslávia mas a todo o sistema de transportes da Europa central».—(Reuter).

A Espanha volta a dizer

que ocupou Tânger
para evitar a ocupação pelo «Eixo»
e que a Inglaterra não protestou

MADRID, 19.—O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Espanha publicou ontem à noite, uma nota oficial, datada de San Sebastian, acerca da decisão de se restabelecer a zona internacional de Tânger, decisão que, diz a nota, «foi tomada sem conhecimento da Espanha ou sem qualquer acordo prévio com ela».

A nota diz que, antes da intervenção da Espanha em Tânger, os governos da França e da Grã-Bretanha foram informados da ocupação e a Grã-Bretanha não fez qualquer protesto. Finalmente, em data posterior, estabeleceu-se um «modus vivendi» que «consolidou a situação criada de facto».

Depois de se referir ao acordo anglo-francês, a declaração oficial espanhola acrescenta: «A Espanha foi convidada a participar no chamado regime provisório de Tânger, em que participam também os Estados Unidos e a Rússia Soviética». A declaração menciona que, na resposta à nota anglo-francesa, o governo espanhol referiu as circunstâncias que predominaram em Tânger durante os últimos cinco anos e acrescentou que «razões poderosas» levaram a Espanha a ocupar Tânger com tropas do Kalifa de Marrocos e com a autoridade do Kalifa.

As razões do acto unilateral da Espanha

Uma das razões foi a de existirem «presunções bem fundadas de um acto iminente de hostilidade contra Tânger por parte das potências do «eixo». Para evitar esse facto, a Espanha tomou uma medida oportuna que salvou Tânger e a causa da paz».

«A situação jurídica da zona de Tânger—acrescenta a nota—tem apenas carácter temporário. A esse respeito, pode ser útil revelar, nas actuais circunstâncias, que nessa ocasião o governo britânico declarou que aceitava de boa mente o facto da Espanha ter interesses especiais na zona de Tânger e que estava disposto a conside-

Foi condenado à morte Walter Schmidt

braço direito de Himmler

PRAGA, 19.—O Obergruppenführer Walter Schmidt, braço direito de Himmler, foi condenado à morte e executado às 14 horas de ontem. Schmidt, inspector de vários campos de concentração, era acusado de tratamento brutal de prisioneiros, em Ravensbrueck, onde foram torturadas, até morrer, 100 mulheres checas.—(R.).

A execução dos condenados

LONDRES, 19.—O «Daily Express» diz hoje que os criminosos de guerra da Alemanha serão, possivelmente, executados com um novo tipo de guilhotina em vez de serem enforcados ou fuzilados. O jornal declara: «A máquina foi projectada e construída por engenheiros militares americanos, tendo sido já empregada em algumas execuções incluindo de mulheres. A morte dá-se dentro de dois minutos depois do condenado abandonar a cela. Funciona por meio de electricidade e é de muito fácil manejo. Os executores não precisam de ser especialmente treinados. O general Eisenhower e o general Montgomery decidem a forma da execução das sentenças, supondo-se que ambos já resolveram escolher a guilhotina».—(Reuter).

Na Palestina

agrava-se
a situação
pela hostilidade
entre árabes e judeus

JERUSALEM, 19.—(Do correspondente especial da Reuter, Roy Euston) —Aumentou nos últimos dias a tensão na Palestina. A notícia de Truman ter pedido a Attlee que sejam admitidos na Palestina 100.000 judeus da Europa está a ser calorosamente discutida e comentada, tanto pelos judeus como pelos árabes. As notícias não oficiais de Londres, de que o Governo britânico está a considerar propostas permitindo apenas uma pequena entrada mensal de imigrantes, causam certo alarme. Crê-se em geral que, se as notícias tiverem qualquer base, resultará daí uma grande renovação da imigração ilegal, com todas as misérias e azedume que ela implica. A agência israelita desmentiu as notícias, mas é obvio que não está muito satisfeita com elas.

As organizações extremistas também não estão a tornar a situação mais fácil. Acabam de lançar em Jerusalém bombas com panfletos em que dizem que deram ao Governo trabalhista tempo suficiente para tomar uma decisão e que estão agora decididas a regressar à acção directa.

Tem-se a impressão de que a comunidade judaica, no seu conjunto, está ansiosa por evitar desordens e do indica que os seus chefes, reconhecidos, estão a cooperar com o Governo contra os extremistas. É improvável que haja resistência unificada, a não ser que se percam completamente as esperanças judaicas. O fundo da questão é a imigração. A sorte dos judeus deslocados, na Europa, está a provocar grande indignação, que poderá dar lugar a excessos, se não for adoptado rapidamente qualquer procedimento. A organização terrorista, perdeu a maior parte dos seus chefes e está privada dos seus fundos principais. É provável que, se as condições do Governo britânico não forem retardadas por muito tempo e incluírem qualquer solução razoável do problema dos judeus europeus sem abrigo, a actual tensão abraque. É isso que os judeus responsáveis afirmam.—(Reuter).

Trigo para a Alemanha enviado pelos Aliados

BERLIM, 19.—A secção britânica da comissão de fiscalização aliada anunciou ontem que está a ser enviado trigo para a Alemanha, para que os civis alemães não sofram fome neste inverno. A comunicação oficial diz que esta decisão é económica e não ditada por sentimentalismo. A comunicação acrescenta que é necessário que os alemães trabalhem, para produzirem o carvão e outros artigos de que os aliados necessitam e que não poderão trabalhar nem se poderá manter a lei e a ordem, se reinar a fome. A comunicação diz que a quantidade de viveres disponíveis localmente não é suficiente para manter o povo nas grandes áreas industriais do Ruhr e do vale do Reno e no sector britânico de Berlim. As medidas tomadas para aumentar a produção de viveres ao ser adquirido o domínio do noroeste da Alemanha não poderão dar resultado antes da colheita de 1946.—(R.).

As relações entre as forças de ocupação

BERLIM, 19.—Os informadores oficiais das forças inglesas e norte-americanas declararam esta manhã que as relações das forças anglo-americanas com as soviéticas são excelentes e que os boatos postos a circular de que se registavam desordens entre as forças russas e as das restantes nações aliadas na Alemanha são destituídos de fundamento.—(U. P.).

O Diário de Lisboa

publicará dentro de dias um documento sensacional:

A ACTA DA ÚLTIMA REUNIÃO DO GRANDE CONSELHO FASCISTA SEGUNDO AS NOTAS DE GIUSEPPE BOTTAI

por PIERO SAPORITI

ESCOLA VALSASSINA (Sexo masculino)

Internato, Semi-internato e Externato

Abertura das aulas no dia 8 de Outubro

Av. António Augusto de Aguiar, n.º 148—Tel. 41035 P. B. X.